

Charles Bukowski

Amor é TUDO que NÓS DISSEMOS que Não Era

seleção e tradução:
Fernando Koproski

7 LETRAS]

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**amor
é tudo que
nós dissemos
que não era**

Só penso na tal da poesia como Artonin Artaud, um grande artista, talvez o maior possível, em setembro de 1947, revelando ao seu psiquiatra de plantão a FALTA, com caixa alta mesmo nas letras, como no bilhete, do ópio. Faltou. Não queira saber do final da história desse cara.

Vamos em frente. Tudo é ausência, ressaca e eclipse. Mesmo para quem achou que tudo era falsidade, poesia de araque, "Vá para o Tibete", lerás mais adiante neste livro, e espere a salvação, como se em qualquer suposto lugar místico existisse a ideia da não-canalhice.

"Seja um monge e beba chumbo grosso e cerveja", como nos receita o autor destes versos, aí sim, estamos falando de um lugar qualquer do sagrado, poemas. Com tradução do cara que já nos deu, e sempre nos oferta as melhores saideiras do Buk, Fernando Koproski, jamais abaixe a porta e nos jogue água nos pés, puerra!

Boa, FK, prove para esses tarados que Bukowski é ainda mais genial nos poemas que na sua angustiada prosa comedora de gente qual terra de cemitério.

A dramaturgia da foda está, yesss, mais ainda nesse livro. Provo: "e a visão dela completamente nua me fez lembrar mais de/ meus dias no matadouro do que/ de Mozart/ mas, é claro, quem quer comer/ o Mozart?"

Enfim, sempre uma porrada na solenidade. Seja do gozo fácil, seja na morte barata.

“6 garças paradas numa lagoa”. É estilo. Sócrates, o filósofo ou o boleiro, style. Os dinossauros velhos ou jovens? Estilo, mas chega de ilusões perdidas. “O sol não será visto e será sempre noite”.

Quer saber...?

Leia esse livro com a lindeza das suas pernas cambaleantes. Como já casei com uma mulher sem uma perna, sou otimista: ela era a melhor das minas. Que tal ser um homem de verdade e não pensar nessas coisas?

Mulher é metonímia, parte pelo todo, e você não passa de um canalha covarde, certo?

Perdeu, malaco: ela sempre se levanta como uma santa e diz algo. Se vai embora é problema seu, talvez se ficasse desse merda. Boa leitura.

Xico Sá

Charles Bukowski

**amor
é tudo que
nós dissemos
que não era**

Fernando Koproski
seleção e tradução

1ª reimpressão

7 LETRAS]

SUMÁRIO

Poesia é tudo que eles disseram que não era, 9

AMOR É TUDO QUE NÓS DISSEMOS QUE NÃO ERA

<i>people as flowers</i>	15	as pessoas como flores
<i>have you ever kissed a panther?</i>	21	você já beijou uma pantera?
<i>girls from nowhere</i>	23	garotas de lugar nenhum
<i>making it</i>	31	desempenhando
<i>this dog</i>	39	esse cachorro
<i>freedom</i>	45	liberdade
<i>good try, all</i>	49	todas, uma boa tentativa
<i>for Jane</i>	53	para Jane
<i>1966 Volkswagen minivan</i>	55	Kombi 1966
<i>she said:</i>	61	ela disse:
<i>girl on the escalator</i>	67	moça na escada rolante
<i>a definition</i>	73	uma definição
<i>A Love Poem</i>	79	Um Poema de Amor
<i>Gertrude up the stairway, 1943</i>	85	Gertrude subindo a escada, 1943
<i>the shower</i>	89	a ducha

UM POEMA É UMA CIDADE

<i>so you want to be a writer?</i>	95	então você quer ser escritor?
<i>a poem is a city</i>	101	um poema é uma cidade

<i>me and my buddy</i>	105	eu e meu camarada
<i>poetry readings</i>	109	recitais de poesia
<i>after receiving a contributor's copy</i>	113	após receber um exemplar de colaborador
<i>o, we are the outcasts</i>	119	oh, nós somos os párias
<i>friendly advice to a lot of young men</i>	137	conselho de amigo para muitos jovens
<i>the lady poet</i>	139	a poetisa
<i>the love poems of Catullus</i>	151	os poemas de amor de Catulo
<i>evidence</i>	155	evidência
<i>the secret of my endurance</i>	157	o segredo de minha permanência
<i>neither Shakespeare nor Mickey Spillane</i>	161	nem Shakespeare nem Mickey Spillane
<i>the history of a tough motherfucker</i>	167	a história de um filho da puta durão
<i>the poem</i>	173	o poema
<i>Rimbaud be damned</i>	177	maldito Rimbaud

6 GARÇAS PARADAS NUMA LAGOA

<i>style</i>	209	estilo
<i>sometimes when you get the blues there's a reason</i>	211	às vezes quando você fica triste há uma razão
<i>where was Jane?</i>	213	onde estava a Jane?
<i>kaakaa & other immolations</i>	219	caca & outros sacrifícios
<i>the genius of the crowd</i>	225	a índole da multidão
<i>a trick to dull our bleeding</i>	231	um truque para atenuar nosso sangramento
<i>it's over and done</i>	235	está feito
<i>I know you</i>	237	eu te conheço

<i>finish</i>	241	fim
<i>Dinosauria, we</i>	247	nós, dinossauros
<i>something for the touts, the nuns, the grocery clerks and you...</i>	253	algo para os cambistas, as freiras, as caixas de mercado e você...
<i>advice for some young man in the year 2064 A.D.</i>	263	conselho para um jovem no ano 2064 d.C.
<i>the man at the piano</i>	265	o homem no piano
<i>misbegotten paradise</i>	271	paraíso bastardo
<i>roll the dice</i>	279	jogue os dados

EXTRAS

Cena estendida,	285
Comentários do diretor,	288
Filmografia básica,	291
Notas da produção,	292
Notas biográficas,	294

POESIA É TUDO QUE ELES DISSERAM QUE NÃO ERA

a poesia que ontem se fazia hoje teve dores de cabeça horríveis. a poesia que ontem se fazia hoje não conseguia nem abrir os olhos, tremia e se contorcia e não te olhava na cara. não suportava a luz, evitava qualquer claridade, qualquer meia-luz, meia verdade ou faísca de realidade. a poesia que ontem se fazia antes se fazia de morta pra não ter que encarar tanta vida, não ter que fingir sobrevida, forjar desculpas, falsear um alibi, inventar uma partida, quem sabe uma longa viagem, uma doença rara e complicada, uma simples mentira.

a poesia que ontem se fazia fez um minuto de silêncio durante séculos em nome do tempo que ela não olhava, não cegava, não abraçava, não queimava, não feria, não respirava e não vivia. a poesia que ontem se fazia não queria perder tempo com essa vida e passou a escrever poesia como se o poema fosse uma mera arte decorativa. ainda não contente com o que condenava e o que absolvía, ela depois de um tempo começou a dizer tudo que era e tudo que não era poesia.

a poesia que ontem se fazia deu as costas para as coisas mais comuns e reais do dia a dia e se tornou incomunicável, vivendo

numa estufa, regando futilidades, cultivando preciosidades e por fim, arrancando das páginas as palavras necessárias como ervas daninhas. até que um belo dia, tanto que não fez que simplesmente deixou de ser poesia. e passou a ser mais um dos nomes da vaidade, pose, politicagem, um puro preciosismo de linguagem. a poesia que ontem se fazia fez do verso mais que uma miragem, menos que um item cenográfico em sua inútil paisagem. a poesia que ontem se fazia perdeu a capacidade de perceber

o corte da pétala
a fagulha desperta
a pálpebra aberta

do começo de uma nova poesia

diferente
desde o começo bem distante
das páginas e páginas e páginas dos livros que havia
mas não do tempo
e das pessoas
em que ela se escrevia

era ela, a poesia,
a mais curta, a mais bonita e a mais explosiva
que pudesse haver
no coração das páginas
nesse sangramento de luz
que hoje percorre cada verso
do sistema vasculatório dos livros de Bukowski

era ela, uma poesia
que não baixa a cabeça para a poesia dos séculos
tampouco se autorreverencia,

quando vê a página em branco
não hesita

olha direto nos olhos da morte
e rápido um verso engatilha

era ela, a poesia do velho Buk,
uma poesia que se fortalece
quanto mais decidida
a falar de brigas em becos
uma mulher subindo a escada
homens rasgando borboletas ao meio
o amor como uma luz à noite
atravessando o nevoeiro

ao te lembrar
que um poema é uma cidade
e mais copos quebrados e
mulheres loucas em seu quarto barato

a lua estirada no balcão
exércitos conquistadores esmagando narcisos
e mais e mais mulheres
todas as mulheres
todos os seus beijos
as suas diferentes formas de amar

ou apenas
um homem no piano
outra mulher subindo a escada
6 garças paradas numa lagoa
um paraíso bastardo
ao escrever jogando os dados

vasculhando a loucura
em busca da palavra
do verso
do caminho

pois um poema é uma cidade
ou quem sabe
apenas
versos como esses
flutuando numa página
queimando buracos no rosto da morte

era ela, a poesia do velho Buk,
uma poesia que se fortalece
quanto mais decidida
a falar e queimar e respirar
contra tudo que não for vida

e que talvez
depois desses poemas
poderá passar tão despercebida
em seu dia a dia
quanto uma hemorragia de luz
acendendo flores de fogo
ou abrindo pétalas de gasolina
contra as janelas partidas
da minha
da sua

da nossa vida.

Fernando Koproski

AMOR
É TUDO QUE
NÓS DISSEMOS
QUE NÃO ERA

AS PESSOAS COMO FLORES

certa canção está tomando conta das
ruas –
as pessoas finalmente se parecem com
as flores

a polícia entregou seus
distintivos
o exército picou seus uniformes e
armas. não há necessidade alguma de
cadeias ou jornais ou hospícios ou
fechaduras nas portas.

uma mulher corre pra minha porta.
FICA COMIGO! ME AMA!
ela grita.

ela é tão bela quanto um charuto
após um bife no jantar. eu
fico com ela.

mas depois que ela sai
eu me sinto estranho
tranco a porta
vou pra escrivania e tiro a pistola
da gaveta. ela tem sua própria compreensão do
amor.
AMOR! AMOR! AMOR! a multidão canta pelas
ruas.

disparo pelo vidro da
janela cortando meu rosto e
os braços. acerto um menino de 12 anos
um velho de barba
e uma menina adorável parecia uma flor de
lírios.

a multidão para de cantar pra
me olhar.
continuo na janela quebrada
com sangue em meu
rosto.

“isso,” eu grito pra eles, “é em defesa da
pobreza de si próprio e em defesa da liberdade
de não amar!”

“deixem-no em paz,” alguém diz,
“ele é louco, ele levou uma vida horrível por
muito tempo.”

entro na cozinha
sento e encho um
copo de uísque.

concluo que a única definição de
Verdade (a qual varia)
é aquela em que é aquela coisa ou ato ou
crença que a multidão
rejeita.

há uma batida em minha
porta. é a mesma mulher de novo.

ela é tão bela quanto encontrar um
sapo verde e gordo no
quintal.

só tenho mais 2 balas e
uso as
duas.

nada no ar a não ser
nuvens. nada no ar a não ser
chuva. a vida de cada homem curta demais pra
achar sentido e
todos os livros quase um
desperdício.

eu sento e escuto eles
cantando
eu sento e escuto
eles.

VOCÊ JÁ BEIJOU UMA PANTERA?

essa mulher pensa que é uma pantera
e às vezes quando fazemos amor
ela rosna e funga
e seus cabelos se soltam
e por trás deles ela me olha
e me mostra suas presas
mas eu a beijo de qualquer jeito e continuo amando.
você já beijou uma pantera?
você já viu uma pantera fêmea se deliciando
com o ato do amor?
você nunca amou, meu amigo.
você com suas esquilas e tâmias
e elefantas e ovelhas.
você tem que dormir com uma pantera
você nunca mais vai querer
esquilas, tâmias, elefantas, ovelhas, raposas,
carcajus,
nada mais a não ser a pantera fêmea
a pantera fêmea atravessando o quarto
a pantera fêmea atravessando a sua alma,
todas as outras canções de amor são mentiras
quando aquela pele macia e escura vier em sua direção
e o céu desabar sobre suas costas,
a pantera fêmea é o sonho se realizando
e não há volta
ou desejo de –
aquela pele sobre a tua,
a busca terminada
e você aprisionado nos olhos de uma pantera.

GAROTAS DE LUGAR NENHUM

as garotas de lugar nenhum chegavam
e se sentavam em minhas cadeiras e
bebiam e fumavam comigo
e iam para minha cama
como bonecas de brinquedo
irreais

mas
às vezes
havia
pedacinhos de
mágica incrível

mas a maioria
das vezes
elas eram
desligadas
de tudo

do céu
do chão
do mar
da voz
do riso
ou
da sorte.

elas estavam apenas
levando.

elas tinham um pouco
de coragem
mas não muito
carinho.

sempre me sentia
melhor quando
elas partiam
e ficava
incerto do porquê
delas
voltarem

sempre com
alguma história de
terem sido abusadas
o que provavelmente
era
verdade.

mas
às vezes elas
eram cansativas
durante longas
noites
com suas
pragas e suas
falas
amarguradas
e desarticuladas
muitos cabelos
caindo
naqueles rostos.

as garotas de
lugar nenhum
tinham muito
a dizer.

às vezes
achava isto
(e elas)
atraente
o bastante

se revelando
com
todo o
entusiasmo

com suas longas
pernas
cambaleantes
no salto
alto

mas
elas sempre causavam
problemas
de um jeito ou de
outro

principalmente se eu
começasse a me
importar
demais.

então
elas sabiam
o que
fazer

e isso
elas
faziam.

DESEMPENHANDO

eu era um cafajeste frenético
eu estava com a R. e a C. e a M. e a L. e
nós estávamos sempre metendo e havia discussões
havia infelicidade e meu pênis doía
de contínuas ejaculações
eu estava chupando peitos
eu estava por baixo no meio das coxas
eu estava por cima
eu estava por trás
não conseguia me lembrar das últimas 7 vezes.

tinha espasmos só de sentar numa cadeira
e tomar uma cerveja.
sentava em cima de meus óculos de leitura.
nas têmeoras minhas veias saltadas já davam nós.
eu tinha dor de dente
dor nas costas
dor de cabeça
tinha pneus furados em todo lugar
tinha prisão de ventre
não penteava os cabelos
mas eu estava metendo –
às vezes eu estava lá embaixo
e ela estava lá embaixo
“agora quando eu fizer isso,” ela dizia,
“você faz isso...”

eu vivia em banheiros com
as toalhas
encharcadas.

não conseguia tirar o limo de minha privada
mas eu estava metendo e brigando
com a R. e a C. e a M. e a L.
elas sempre ameaçavam me deixar
e eu realmente não conseguia entendê-las.

em guerra com as mulheres eu não me saía bem
eu era sério demais e elas eram
boas demais nisso.
elas eram mais espertas do que eu
e eu me sentia cada vez pior.
quanto mais eu comia elas e brigava
com elas
pior eu me sentia.

fiquei completamente inapto:
não conseguia atender a campainha ou o
telefone,
deixei de arrumar a cama
não conseguia me barbear
não conseguia escovar os dentes
recebia AVISOS da
companhia telefônica
do pessoal da água e da luz
do Imposto de Renda Federal
do Imposto de Renda Estadual
solicitei o selo para a placa do meu carro
mas quando chegou
na hora eu o perdi...

mas eu estava metendo
arranquei alguns gemidos da
R. e da C. e da M. e da L. que soavam

reais
mas nunca perguntei a nenhuma delas se
chegavam ao clímax.
eu com certeza chegava.
direto.
a pele do meu pênis
estava em carne viva – como fogo –
o doutor disse que não havia doença venérea
ele falou, “Cristo, dê uma folga pra essa
coisa. tire um ano de férias. ache um
outro passatempo.”

mas eu continuei.
eu ria mas sem alegria.
eu tinha ataques de úlcera.
envelheci cinco anos em seis meses.
já meus ciúmes
me consumiam, minha imaginação girava
em sentido anti-horário em meu cérebro.
eu dirigia meu carro com negligência
eu perdia empregos, encontrava empregos, perdia empregos,
bebia e fumava sem parar.
tinha insônia
a pele de minhas mãos estava
descamando.
não tinha mais tesão mas continuei metendo e
não sabia como sair
disso.
ali eu fui pego,
entre pernas levantadas para
cima,
um homem
metendo

muitas e muitas e muitas vezes –
lençóis, estrados, persianas, cortinas,
travesseiros, tetas, peitos, bundas.
às vezes o cheiro do amor e sempre o cheiro do
sexo
com a R. e a C. e a M. e a L....

mas várias vezes
nos momentos mais intensos
e apaixonados
eu desejei ser aquele
cara solitário novamente
sentado no cinema com
meu pacote de pipoca
enquanto ao meu redor
casais se sentavam
juntos
lado a lado.

ESSE CACHORRO

olha esse lugar! meias e cuecas e lixo por
todo o chão! você não quer mesmo ser responsável!
pra você uma mulher não é nada a não ser algo
que te *convém*! você só fica aí sentado, sugando
tudo que eu faço por você!
por que você não diz alguma coisa?

essa é a sua casa então você tem que ouvir! se eu estivesse
falando com você desse jeito na minha casa você na hora sairia
pela porta!

por que você está sorrindo?
há algo engraçado?

você só suga todo meu amor e carinho
e depois vai pro hipódromo!
o que há de tão extraordinário num cavalo?
o que um cavalo tem que eu não tenho?

quatro patas?

você não é brilhante?
você não é engraçado?
ora você não é o tal?

você age como se nada importasse!
bem, deixa eu te dizer uma coisa, cuzão, *eu importo!*
você acha que é o único homem nessa cidade?
bem, deixa eu te dizer, há vários homens que
me desejam, meu corpo, minha mente, minha alma!

muita gente já me perguntou, "o que você está fazendo
com uma pessoa como aquela?"
o quê?
não, não quero um drinque!
quero que você perceba o que está acontecendo com nossa relação
antes que seja tarde demais!

olha pra você ainda saboreando tudo isso!
você se acha tão maravilhoso!
você sabe o que acontece quando você bebe
demais?
posso muito bem estar vivendo com um eunuco!

minha mãe me avisou!
todo mundo me avisou!

olha pra você agora!
por que você não tenta conversar?
por que você não faz a barba?
você derramou vinho em toda sua camisa!
e aquele charuto vagabundo!
você sabe do que aquilo tem
cheiro?
de bosta de cavalo!

ei, onde você vai?
pra algum bar, pra algum bar fedorento!
você fica lá sentado, alimentando a sua autopiedade
com todos aqueles fracassados!

se você passar por aquela porta eu vou
sair pra dançar!
eu vou arranjar um novo homem!

eu vou me divertir!

se você sair por aquela porta, aí está acabado entre nós
para sempre!

tudo bem, vai então, seu cuzão!

cuzão!

cuzão!

CUZÃO!

LIBERDADE

ele bebeu vinho a noite toda do
dia 28. e ele continuava pensando nela:
o jeito que ela andava e falava e amava
o jeito que ela dizia coisas que pareciam sinceras
mas não eram, e ele sabia a cor de cada um
de seus vestidos
e seus sapatos – ele sabia o material e o formato de
cada salto
assim como a perna modelada por ele.

e quando ele chegou em casa ela tinha saído de novo, e
ela voltaria fedendo daquele jeito de novo,
e ela voltou
ela chegou às 3 da madrugada
imunda como um porco comedor de merda
e
ele pegou a faca de açougueiro
e ela gritou
se encostando na parede da pensão
ainda bonita de alguma forma
apesar do cheiro fedido de amor
e ele virou o copo de vinho.

aquele vestido amarelo
o seu preferido
e ela gritou novamente.

e ele pegou a faca
e soltou seu cinto

e rasgou a roupa na frente dela
e cortou fora as bolas.
e as carregou em suas mãos
como damascos
e deu a descarga nelas na
privada
e ela continuou gritando
enquanto o quarto ficava vermelho

DEUS OH DEUS!
O QUE VOCÊ FEZ?

e ali ele se sentou segurando 3 toalhas
entre as pernas
não se importando mais se ela partisse ou
ficasse
vestisse amarelo ou verde ou
qualquer coisa.

e com uma mão no colo e a outra
no ar ele se serviu
de mais vinho.

TODAS, UMA BOA TENTATIVA

será que falhei com aquelas frágeis tulipas?
refletindo sobre o meu fértil passado
lembro de todas as mulheres que conheci
que no início do namoro
já estavam desanimadas e in-
felizes por causa de suas tristes
experiências anteriores com outros
homens.

eu era considerado apenas mais uma
parada no meio do caminho
e talvez eu
fosse e talvez eu não fosse.

as mulheres há tempos eram usadas e ab-
usadas
enquanto certamente acrescentavam sua porção de
abuso à
mistura.

no início elas eram
sempre relutantes
e os namoros eram muito parecidos com ler um
jornal velho por muitas e muitas
vezes (o obituário ou a seção de
classificados)
ou era como ouvir uma canção
conhecida
relembrada e cantada demais

até a melodia e as letras ficarem
borradas.

suas verdadeiras carências eram ofuscadas por seus
temores
e eu sempre chegava tarde demais com tão
pouco.

mesmo assim algumas vezes houve momentos
embora breves
em que o carinho e a risada
abriam
caminho
apenas para depressa se dissolverem no
mesmo sombrio e inevitável
desespero.

será que falhei com aquelas frágeis tulipas?
não consigo pensar em nenhuma daquelas mulheres
que eu preferia não ter conhecido
não importa que histórias elas contem de mim
agora
enquanto se infiltram novamente
nas vidas de seus recém-descobertos
amantes.

PARA JANE

225 dias debaixo da grama
e você sabe mais do que eu.

há tempos levaram seu sangue,
você é um ramo seco numa cesta.

é assim que funciona?

nesse quarto
as horas do amor
ainda fazem sombras.

quando você partiu
você levou quase
tudo.

à noite me ajoelho
diante de tigres
que não vão me deixar em paz.

o que você foi
não vai acontecer de novo.

os tigres me encontraram
e eu não me importo mais.

KOMBI 1966

lá vem Bach de novo mas
sabe-se até quando vamos resistir?
é uma boa música
uma grande música
mas o que quero dizer e saber:
até quando seremos capazes de ouvir
o que ele tem a dizer?
pontos de interrogação às vezes são
desanimadores.
quanto mais e mais carentes
nós ficamos
mais gigantes como Bach irão desaparecer
de nossos pensamentos e de nossas vidas e
o sabor e o toque de sua música
será como encontrar meu amor morto
acabando de morrer
os olhos fechados
seu corpo ainda macio
ainda quente
seus cabelos se derramando sobre meu braço.

ouço Bach sempre que posso
e meu amor está vindo pra cá essa noite
em sua Kombi 1966
enquanto gelo o vinho e espero.

seu cabelo é da cor mais estranha:
vermelho com dourado
tal como exércitos conquistadores

esmagam lesmas
esmagam narcisos.

ela tem mãos pequenas
pés pequenos.

nós brigamos
rimos quase sempre.

estou ouvindo Bach agora.
a música para.

ela dirige aquele maldito ônibus em miniatura como um
barco a remo pelas corredeiras

se ela ouvisse meu coração
ela iria mais devagar
bem mais devagar.

por favor me deixe morrer
antes porque
sou mais velho
bem mais velho.

escuta Bach, o seu deus e o meu deus
são reais mas
ajudam só momentaneamente.
quero que você
me diga que está tudo
bem
e que os cabelos vermelhos e dourados dela serão
espalhados
sobre meu travesseiro de novo.

os seus pés pequenos
as suas mãos pequenas
os seus dedos acariciando meus olhos e
minhas orelhas e o seu riso me
consolando.

ELA DISSE:

o que você faz com todos aqueles guardanapos
de papel em seu carro?
não temos tantos
guardanapos
como é que pode seu rádio do carro estar
sempre sintonizado em alguma
rádio
rock?
você fica passeando por aí com
alguma
menininha?

você está
derramando suco
de tangerina
no chão.
sempre que você vai
pra cozinha
essa toalha fica
ensopada e suja.
por que
isso?

quando você prepara
a água do meu banho
você nunca
limpa a
banheira primeiro.

por que você não
põe sua escova de dentes
de volta
no armário?

você devia sempre
enxugar sua
navalha.

às vezes acho
que você odeia
meu gato.

Martha disse
que você estava
lá embaixo
sentado com ela
e você
estava
sem calça.

você não devia usar
aqueles
sapatos de \$100
no jardim

e você não
cuida
do que você
planta lá fora

isso é
burrice

you must always
put the bowl of the cat back
in the
same place.

do not
broil fish
in a
refrigerator...

never see
anybody
more brutal than the
brakes of your
car
of which you.

let us
go to a
cinema.

listen to what is
wrong with you?
you seem
depressed.

MOÇA NA ESCADA ROLANTE

assim que entro na escada rolante
um rapaz e uma moça bonita
ficam na minha frente.
sua calça, sua blusa estão coladas
no corpo.
conforme subimos
ela apoia um pé no
degrau de cima e sua bunda
assume um aspecto fascinante.
o rapaz olha ao
redor.
ele parece preocupado.
ele olha pra mim.
eu desvio
o olhar.

não, rapaz, não estou olhando,
eu *não* estou olhando pra bunda de sua namorada.
não se preocupe, respeito ela e respeito você.
na verdade, eu respeito tudo: as flores que crescem, moças,
crianças, todos os animais, nosso precioso e complicado
universo, a tudo e a todos.

vejo que o rapaz se sente melhor
agora e fico contente por
ele. conheço o seu problema: a moça tem
uma mãe, um pai, talvez uma irmã ou
um irmão e com certeza um bando de
parentes hostis e ela gosta de

dançar e flertar e ela gosta de
ir pro cinema e às vezes ela fala
e masca chiclete ao mesmo tempo e
ela curte programas de tevê realmente idiotas e
ela acha que é uma atriz em formação e ela
nem sempre tem boa aparência e ela possui um
temperamento terrível e às vezes ela fica
quase louca e ela é capaz de ficar horas falando no
telefone e ela quer viajar pra
Europa num verão em breve e ela quer que você
compre pra ela um Mercedes quase zero e ela está apaixonada
pelo Mel Gibson e a mãe dela é uma
bêbada e o pai dela é um racista
e às vezes quando bebe demais ela
ronca e ela é quase sempre fria na cama e
ela tem um guru, um cara que encontrou Cristo
no deserto em 1978, e ela quer
ser bailarina e ela está desempregada e ela
tem enxaqueca toda vez que
come queijo ou açúcar.

observo ele acompanhando ela
pela
escada rolante, seu braço
de forma protetora na cintura
dela, pensando que tem
sorte,
pensando que é um cara muito
especial, pensando que
ninguém no mundo tem
o que ele tem.

e ele está certo, terrivelmente
terrivelmente certo, o seu braço ao redor

daquele balde aquecido de
intestino,
bexiga,
rins,
pulmões,
sal,
enxofre,
gás carbônico
e
catarro.

quanta
sorte.

UMA DEFINIÇÃO

amor é uma luz à
noite atravessando o nevoeiro

amor é uma tampinha de cerveja
pisada no caminho
do banheiro

amor é a chave perdida da sua porta
quando você está bêbado

amor é o que acontece
uma vez a cada dez anos

amor é um gato esmagado

amor é o velho jornaleiro na
esquina que
desistiu

amor é o que você acha que a outra
pessoa destruiu

amor é o que desapareceu junto
com a era dos navios encouraçados

amor é o telefone tocando,
a mesma voz ou uma outra
voz mas nunca a voz
correta

amor é traição
amor é o incêndio dos
sem-teto num beco

amor é aço
amor é a barata
amor é uma caixa de correio

amor é a chuva sobre o telhado
de um velho hotel
em Los Angeles

amor é o seu pai num caixão
(aquele que te odiava)

amor é um cavalo com a perna
quebrada
tentando se levantar
enquanto 45.000 pessoas
observam

amor é o jeito que nós fervemos
como a lagosta

amor é tudo que nós dissemos
que não era

amor é a pulga que você não consegue
encontrar

e o amor é um mosquito

amor são 50 lançadores de granada

amor é um pinico
vazio

amor é uma rebelião em San Quentín
amor é um hospício
amor é um burro parado numa
rua de moscas

amor é um banco de bar vazio

amor é um filme do Hindenburg
se retorcendo
um momento que ainda grita

amor é Dostoiévski na
roleta

amor é o que se arrasta pelo
chão

amor é a sua mulher dançando
colada com um estranho

amor é uma senhora
roubando um pedaço de
pão

e o amor é uma palavra usada
muitas vezes e
muitas vezes
cedo demais.

UM POEMA DE AMOR

todas as mulheres
todos os seus beijos as
suas diferentes formas de amar e
falar e precisar.

suas orelhas todas elas têm
orelhas e
gargantas e vestidos
e sapatos e
automóveis e ex-
-maridos.

na maioria
as mulheres são bem
calorosas elas me lembram
uma torrada com a manteiga
derretida
em cima.

há um jeito de
olhar: elas foram
raptadas, elas foram
enganadas. não sei bem o que
fazer por
elas.

sou
um cozinheiro honesto um bom
ouvinte

mas jamais aprendi a
dançar - estava ocupado
então com coisas maiores.

mas curti as suas diferentes
camas
fumando cigarro
olhando para os
tetos. não fui nem depravado nem
desleal. apenas
um aprendiz.

sei que todas têm esses pés
e descalças elas atravessam o assoalho enquanto
admiro suas bundas tímidas no
escuro. sei que elas gostam de mim, algumas até
me amam
mas eu amo bem
poucas.

umas me dão laranjas e vitaminas em pílulas;
outras falam calmamente sobre
a infância e pais e
paisagens; umas são meio
loucas mas nenhuma delas é sem
razão; umas desempenham bem
no amor, outras nem
tanto; as melhores no sexo nem sempre são as
melhores em outros
assuntos; cada uma tem limites assim como eu tenho
limites e nos descobrimos
um ao outro
rapidamente.

todas as mulheres todas as
mulheres todos os
quartos
os tapetes as
fotos as
cortinas, parece
com uma igreja só
raramente é que
se ri.

aquelas orelhas aqueles
braços aqueles
cotovelos aqueles jeitos
de olhar, a ternura e
a carência me
conquistaram me
conquistaram.

GERTRUDE SUBINDO A ESCADA, 1943

penso em Gertrude subindo aquela escada
em St. Louis
há muitos anos
e eu bem atrás dela
um garoto ainda,
penso em Gertrude subindo aquela escada
em St. Louis
e nenhuma escada tão promissora quanto
aquela
com as imagens de Jesus da proprietária
recortadas de revistas baratas
pregadas aqui e ali pelas
paredes.
penso em mim mesmo subindo aquela escada
em St. Louis
atrás da Gertrude
e a caminho de seu quarto
entrando lá
a porta fechando firme atrás de nós
ela servindo o *claret*
em taças altas e finas
naquela pensão sombria
perto daquele parque enorme
com suas árvores desfolhadas do inverno.
parada naquele lugar
Gertrude parecia tão adorável
tão perfeita
uma jovem além da mera juventude
uma imagem envolta em um sonho

perfeito
e enquanto
estava parada lá na minha frente
finalmente ela ficou
perfeita demais:
eu virei meu *claret* e pedi licença pra
sair
sabendo que
seguir a Gertrude até o alto daquela escada
em St. Louis
por si só
já bastava
esse foi
o nosso grande momento juntos
e tudo o que se seguiu
seria
menos
menos
e eu queria me lembrar dela desse
jeito: em seu momento perfeito
antes que ela se cansasse do jogo e
nós um do
outro.

A DUCHA

nós gostamos de tomar uma ducha depois
(gosto mais da água quente do que ela)
e o seu rosto é sempre meigo e tranquilo
e ela irá me lavar primeiro
espalhar sabão em minhas bolas
levantar as bolas
apertá-las,
daí lavar o pau:
“ei, essa coisa ainda está dura!”
então pegar em todos os pentelhos, –
na barriga, nas costas, no pescoço, nas pernas,
eu sorrio sorrio sorrio,
aí então eu lavo ela...
primeiro a buceta, eu
fico por trás, meu pau em suas nádegas
com carinho eu ensaboo os seus pentelhos,
lavo ali com um movimento suave,
me demoro talvez mais do que o necessário,
aí pego atrás das pernas, na bunda,
nas costas, no pescoço, eu viro ela, beijo ela,
ensaboo os peitos, pego neles e na barriga, no pescoço,
na frente das pernas, nos tornozelos, nos pés,
e então na buceta, mais uma vez, pra dar sorte...
outro beijo e ela sai primeiro,
se enxuga, às vezes cantando enquanto eu continuo
deixo a água mais quente
sentindo os bons momentos do milagre do amor
então eu saio...
normalmente está no meio da tarde e sossegado,

enquanto nos vestimos falamos sobre o que mais
há por fazer,
mas estar juntos já resolve a maior parte,
na verdade, resolve tudo
pois quanto mais tempo essas coisas estiverem resolvidas
na história entre homem e
mulher, é diferente para cada um
melhor e pior para cada um –
para mim, é esplêndido o bastante para lembrar
após a marcha dos exércitos
e os cavalos que passam lá fora nas ruas
após as lembranças de dor e derrota e infelicidade:
Linda, você trouxe isso pra mim,
quando for tirar
faça devagar e com cuidado
faça como se eu estivesse morrendo em meu sono ao invés de
em minha vida, amém.

UM POEMA É UMA CIDADE

ENTÃO VOCÊ QUER SER ESCRITOR?

se não estiver explodindo em você
apesar de tudo,
não faça.

a não ser que saia espontâneo de seu
coração e de sua mente e de sua boca
e de suas entranhas,
não faça.

se você tiver que passar horas
encarando a tela do computador
ou encurvado sobre sua
máquina de escrever
procurando palavras,
não faça.

se você estiver fazendo isso por dinheiro ou
fama,
não faça.

se você estiver fazendo isso porque deseja
mulheres em sua cama,
não faça.

se você tiver que sentar ali e
reescrever mais uma vez e mais uma vez,
não faça.

se der o maior trabalho só de pensar em fazer,
não faça.

se você estiver tentando escrever como outra
pessoa,
esqueça.

se você tiver que esperar até isso rugir em
você,

então espere com paciência.
se isso nunca rugir em você,
faça outra coisa.
se você tiver que ler primeiro para sua esposa
ou para sua namorada ou para seu namorado
ou para seus pais ou para qualquer um,
você não está pronto.

não seja como tantos escritores,
não seja como tantas milhares de
pessoas que se dizem escritores,
não seja chato e estúpido e
pretensioso, não se deixe consumir pela
 vaidade.

as bibliotecas do mundo
bocejam até
dormir
sobre tipos assim.
não aumente isso.
não faça.
a não ser que saia de
sua alma como um foguete,
a não ser que ficar parado te
leve à loucura ou
ao suicídio ou assassinato,
não faça.
a não ser que o sol dentro de você esteja
queimando suas vísceras,
não faça.

quando for realmente o momento,
e se você for escolhido,
isso irá acontecer por

conta própria e continuará acontecendo
até você morrer ou isso morrer em
você.
não há outro jeito.

e nunca houve outro.

UM POEMA É UMA CIDADE

um poema é uma cidade cheia de ruas e esgotos
cheia de santos, heróis, mendigos, loucos,
cheia de bebida e banalidade,
cheia de chuva e trovão e períodos de
estiagem, um poema é uma cidade em guerra,
um poema é uma cidade perguntando ao relógio por quê,
um poema é uma cidade em chamas,
um poema é uma cidade armada
suas barbearias cheias de bêbados cínicos,
um poema é uma cidade onde Deus passeia nu
pelas ruas como Lady Godiva,
onde cães latem de noite, e afugentam
a bandeira; um poema é uma cidade de poetas,
a maioria deles bem parecidos
e invejosos e amargos...
um poema é esta cidade agora,
50 milhas de lugar algum,
9:09 da manhã,
o gosto de bebida e cigarros,
sem polícia, sem amantes, andando pelas ruas,
este poema, esta cidade, fechando as portas,
sitiada, quase deserta,
melancólica sem lágrimas, envelhecendo sem piedade,
as montanhas rochosas,
o oceano como uma chama de alfazema,
uma lua destituída de grandeza,
uma música menor das janelas quebradas...

um poema é uma cidade, um poema é um país,
um poema é o mundo...

e agora eu ponho isto debaixo de uma redoma
para análise do editor maluco,
e a noite está em outro lugar
e senhoras grisalhas e abatidas fazem fila,
cão segue cão até o estuário,
os clarins trazem o cadafalso
enquanto homenzinhos anunciam as coisas
que não conseguem realizar.

EU E MEU CAMARADA

ainda posso ver a gente
junto
lá então
sentados à beira do rio
enquanto nos
entorpecíamos de
vinho
e brincando com o
poema
sabendo que é
totalmente inútil
mas algo para
fazer
enquanto
se espera

os Imperadores
com seus assustados
rostos de barro
nos vigiam enquanto
bebemos

Li Po esmigalha seus
poemas
põe fogo
neles
e os faz flutuar pelo
rio.

“o que você
fez?” eu
lhe pergunto.

Li passa a
garrafa: “eles
irão terminar
não importa o que
aconteça...”

bebo à sua
sabedoria
passo a garrafa
de volta

sento firme sobre meus
poemas
aqueles que eu tinha
escondido debaixo do
saco

ajudo ele a queimar
mais um pouco de sua
poesia

eles flutuam bem
rio
abaixo
iluminando a
noite
como boas palavras
deveriam.

RECITAIS DE POESIA

recitais de poesia devem ser o que há de mais triste
e abominável,
a reunião dos membros e membras do clã,
semana a semana, mês a mês, ano
a ano,
envelhecendo juntos,
recitando em pequenos encontros,
ainda na esperança de que seus gênios sejam
descobertos,
gravando fitas juntos, discos juntos,
suando por aplauso
basicamente eles recitam uns para
os outros,
não conseguem encontrar um editor de Nova York
ou nenhum
em quilômetros,
mas eles não param de recitar
nos buracos de poesia da América,
jamais desanimam,
jamais consideram a possibilidade de
seus talentos serem
franzinos, quase invisíveis,
eles não param de recitar
diante de suas mães, suas irmãs, seus maridos,
suas esposas, seus amigos, outros poetas
e um bando de idiotas que surgem
do
nada.

tenho vergonha por eles,
tenho vergonha por eles terem que apoiar uns aos outros,
tenho vergonha por seus egos balbuciantes,
sua falta de coragem.

se esses são os nossos criadores,
por favor, por favor me deem algo mais:

um encanador bêbado numa pista de boliche,
um garoto das preliminares numa luta de quatro rounds,
um jóquei conduzindo seu cavalo pela
cerca,
um barman na última rodada,
uma garçonete me servindo um café,
um bêbado dormindo numa porta abandonada,
um cão mascando um osso seco,
um elefante peidando numa tenda de circo,
um congestionamento na estrada às 6 da tarde,
o carteiro contando uma piada suja

qualquer coisa
qualquer coisa
menos
isso.

APÓS RECEBER UM EXEMPLAR DE COLABORADOR

queixando-se de pequenas confusões
agarrando-se aos seus ferimentos
encontrados nessas páginas com erros de impressão,
e ainda à procura de patrocinadores
amantes
mães
fama fácil:
quem de vocês
eu vi pela
janela congelada de um restaurante em Denver
comendo torta de maçã?
quem de vocês
ia até East Hollywood de cão de caça
perseguido sua ama de leite?
quem de vocês então é que bateu
na minha porta
querendo falar sobre POESIA?

quem de vocês é vaidoso o bastante
e infeliz o bastante
e doente o bastante
pra puxar o saco de um editor?

quem de vocês vai
a todas as festas literárias
e lê suas coisas para
vermes?

quem de vocês pensa
que é Pound, ou Shelley
sobre uma borboleta azul?

quem de vocês
mudou meu poema para ler
do jeito que você PENSA
que um poema deva ser lido?

quem de vocês miava com
uma emoção doentia e amável
como larvas rastejando pelo
corpo de minha mente?

e isto pode parecer forte
e injusto,
por eu dizer que todos possam viver
e escrever
os que quiserem viver e escrever,
mas quem de vocês
mora com sua mãe ou sua tia,
quem de vocês primeiro
passa talco na bunda
e depois sobe
na cruz?

quem de vocês
(um certo professor universitário
que uma vez eu puni
por uma abstração insensata)
quem de vocês agora
escreve sobre putas e bebidas
e nunca esteve na cama com uma mulher,

e nunca bebeu
mais do que uma cerveja ordinária?

e quem de vocês
escreve com um dicionário sobre a barriga
como se sodomizasse uma vaca inteira?

quem de vocês afia sua alma
no órgão de Bach
como um macaco na coleira?

quem de vocês
odeia a esposa que o alimenta?
não por ela ser humana
mas por
ela não gostar de suas coisas.

quem de vocês
não consegue acertar uma bola?
quem de vocês
nunca esteve na cadeia?

quem de vocês?
quem de vocês?
quem de
vocês?

OH, NÓS SOMOS OS PÁRIAS

ah, cristo, que BANDO:
mais
poesia, sempre mais
P O E S I A .

se ela não vier, faça ela sair com um
laxante. ponha seu nome nos LUMINOSOS,
ponha ele lá no alto
impresso em A4.

faça acontecer como um milagre.

ah cristo, os escritores são de todos os toscos
os mais repugnantes!
com dentes amarelados, os ombros caídos,
covardes, pulguentos e
óbvios... em quartinhos improvisados
com seus corações lânguidos
eles nos contam
o que há de errado com o mundo –
como se não soubéssemos que um cassetete de policial
pode partir um crânio
ou que a guerra é um jogo mais sujo do que
o casamento...
ou num bar no porão
se escondendo de uma esposa que não o aprecia
e de filhos que ele não
quer
ele nos conta que seu coração está se afogando em

vômito. cacete, todos os nossos corações estão se afogando em vômito,
em banha de porco, em poesia ruim, em amor
água com açúcar.
mas ele acha que está sozinho e
ele acha que é especial e ele acha que é Rimbaud

e ele acha que é
Pound.

e a morte! que tal a morte? você sabia
que todos nós temos que morrer? até Keats morreu, até
Milton!

e D. Thomas – ELES O MATARAM, é claro.

Thomas não *queria* todos aqueles drinques de graça
todas aquelas bucetas de graça –

eles... FORÇARAM ELE A ACEITAR

quando deveriam tê-lo deixado sozinho para que ele pudesse
escrever escrever ESCREVER!

poetas.

e há outro

tipo. eu os conheci em suas casas

de campo (não me pergunte o que eu estava fazendo lá porque
não sei).

eles nasceram com dinheiro e

não têm que sujar suas mãos em

matadouros ou lavando

pratos em espeluncas sebosas ou

dirigindo táxi ou sendo gigolô ou vendendo maconha.

isso lhes dá tempo para compreender
a Vida.

eles chegam segurando o copo de coquetel
na altura do coração
e quando bebem eles apenas
bebericam.

você bebe a cerveja verde que você
trouxe
porque já descobriu com o passar do tempo
que os ricos desgraçados são *muquiranas* –
eles usam selos de 5 centavos ao invés do correio aéreo
eles prometem ter tudo quanto é tipo de mantimento
esperando sua chegada
de galões de uísque a
charutos de 50 centavos. mas nunca
tem nada.
e eles ESCONDEM suas mulheres de você –
suas esposas, ex-esposas, filhas, empregadas e assim por diante,
porque leram seus poemas e
imaginam que tudo que você quer fazer é comer tudo e
todo mundo. o que um dia pode ter sido
verdade mas não é mais *totalmente*
verdade.

e –
ele ESCREVE TAMBÉM.
POESIA, é
claro. *todo mundo*
escreve
poesia.

ele tem muito tempo livre e uma
caixa postal na cidade
e ele dirige até lá 3 ou 4 vezes ao dia

na procura e esperança de ter poemas
aceitos.

ele acha que a pobreza é uma fraqueza da
alma.

ele acha que a tua mente está doente por você estar
bêbado o tempo todo e ter que trabalhar numa
fábrica 10 ou 12 horas por
noite.

ele apresenta sua esposa, uma beldade, roubada de um
outro rico mais
pobre.
ele deixa que você a admire por 30 segundos
então a recolhe com
pressa. ela esteve chorando por algum
motivo.

você pode ficar por 3 ou 4 dias na
casa de hóspedes, ele diz,
“apareça para jantar
qualquer dia.”
mas ele não diz quando ou
onde. e então você descobre que não está nem
NA CASA DELE.

você está em
UMA de suas casas mas
a casa *dele* é em algum outro
lugar –
você não sabe
onde.

ele até tem ex-esposas em algumas de suas
casas.

sua maior preocupação é manter suas ex-esposas longe de
você, ele não quer abrir mão de
nada, e você não pode culpá-lo;
todas suas ex-esposas são jovens, roubadas, sustentadas,
talentosas, bem vestidas, educadas, com
sotaques variados de Francês-Alemão,

el: elas
ESCREVEM POESIA TAMBÉM, ou
PINTAM, ou
dão.

mas seu maior problema é ir até aquela caixa de
correio na cidade para receber seus
poemas rejeitados
e vigiar todas as outras caixas de correio
em todas as suas outras
casas.

enquanto isso, índios famintos
vendem miçangas e cestos pelas ruas da pequena cidade
deserta.

índios não são aceitos nas casas dele
nem tanto por serem uma ameaça de foda
mas porque eles são
sujos e
ignorantes. sujos? olho pra minha camisa
com mancha de cerveja na frente.
ignorantes? acendo um charuto de 6 centavos e

esqueço
disso.

ele ou eles ou alguém ficou de me encontrar
na
estação de trem.

é claro que não estavam
lá. "Nós estaremos lá para conhecer o grande
Poeta!"

bem, olhei ao redor e não vi nenhum
grande poeta. além disso eram 7 da manhã e
estava 4 graus. essas coisas
acontecem. o problema é que não havia nenhum
bar aberto. nada aberto. nem uma
cadeia.

ele é poeta.
ele é doutor também, um psiquiatra.
o sangue não é de seu
feitio. ele não irá me dizer se sou louco ou
não – não tenho o
dinheiro.
ele se retira com seu copo de coquetel
desaparece por 2 horas, 3 horas,
aí de repente ressurgue
inesperado
com o mesmo copo de coquetel
para se certificar de que eu não tenha me apossado de
algo mais precioso do que
a própria Vida.

minha cerveja verde e vagabunda está me
matando. ele se comove (hurra) e
me dá uma pequena pilula que para meu
enjoo.
mas nada decente para
beber.

ele comprou uma caixinha de 6
para minha chegada mas aquilo se foi em
uma hora e 15
minutos.

“comprarei barris de cerveja para você,” ele
disse.

usei seu telefone (um de seus telefones)
para fazer pedidos de cerveja e
uísque barato. a cidade ficava a dez milhas,
colina abaixo. fui descascando os poucos dólares do meu pobre
rolo de notas. e o rapaz precisava de uma gorjeta, é
claro.

do jeito que ia pude ver que ainda estava
longe de ser Dylan Thomas, nem mesmo
Robert Creeley. com certeza Creeley não teria
manchas de cerveja em sua
camisa.

enfim, quando finalmente agarrei uma de suas
ex-esposas eu estava bêbado demais para
aquilo,

assustado também. com certeza, imaginava ele espiando
pela janela –

ele não queria abrir mão de nada –

e

apontando a Luger enquanto eu estivesse
atuando

enquanto a “Marcha para o Cadafalso” estivesse tocando sobre
a música ambiente

e atirando primeiro em minha bunda e
depois em meu pobre
cérebro.

“um intruso,” podia ouvir ele contando,
“violando uma de minhas ex-esposas desamparadas,”

hoje vejo ele publicando em algumas das
revistas. coisas não muito boas.

um poema sobre mim
também: o Polaco.

o Polaco se queixa demais. o Polaco se queixa de seu
país, de outros países, de todos os países, o Polaco
faz hora extra numa fábrica como um idiota, no meio
de outros idiotas com “almas esvaídas.”

o Polaco bebe um mar de cerveja verde
cheia de ácido. o Polaco tem uma hemorroida
supurada. o Polaco provoca os bichas
“bichas delicadas.” o Polaco odeia sua
esposa, odeia sua filha. sua filha se tornará
uma alcoólatra, uma prostituta. o Polaco tem uma
“esposa gorda e acabada.” o Polaco tem um
intestino em convulsão. o Polaco tem um
“cérebro retal.”

obrigado, Doutor (e poeta). vai cobrar por

isso? sei que ainda te devo pela
pílula.

Seu poema não é tão bom
mas pelo menos motivei sua energia.
a maioria de suas coisas é tão viva quanto uma
bola de praia
murcha e molhada. mas esse round é seu, você venceu um round.
vai me convidar pra viajar nesse
verão? eu posso economizar para a
passagem de trem. tenho um amigo índio que gostaria de conhecer
você e as suas. ele jura que tem o maior
pau do estado da Califórnia.

e adivinha?
ele escreve
POESIA
também!

CONSELHO DE AMIGO PARA MUITOS JOVENS

Vá para o Tibete.

Viaje de camelo.

Leia a Bíblia.

Tinja de azul seus sapatos.

Deixe crescer a barba.

Dê a volta ao mundo numa canoa de papel.

Assine o *The Saturday Evening Post*.

Mastigue apenas com o lado esquerdo da boca.

Case com uma mulher sem uma perna e se barbeie com uma navalha.

E entalhe seu nome no braço dela.

Escove os dentes com gasolina.

Durma o dia todo e suba em árvores à noite.

Seja um monge e beba chumbo grosso e cerveja.

Fique com a cabeça debaixo d'água e toque violino.

Faça a dança do ventre diante de velas cor-de-rosa.

Mate seu cão.

Candidate-se para prefeito.

More num barril.

Arrebente sua cabeça com um machado.

Plante tulipas na chuva.

Mas não escreva poesia.

A POETISA

foi há 7 ou 8 anos
nós morávamos juntos
com nossas 2 máquinas de escrever
funcionando
e as suas 2 crianças
revirando o quarto.

ela era dura com
seus pirralhos:
“sai *fora!* vocês não veem
que a Mamãe está
escrevendo?”

aí eles vinham até mim
e eu
respondia suas perguntas en-
tre minhas cervejas e
meus versos.

na verdade eu não era *muito* afeiçoado
a eles
mas queria que a dama
desempenhasse bem:
poesia era importante para
ela,
ela ficava bem agitada
e martelava as teclas
como se grandes versos
estivessem perfurando
a página.

quando terminava um poema
ela trazia para mim
e eu lia,
"sim, está bom... mas
você não acha que ficaria
melhor se você
começasse na linha
4, cortasse a linha
7... e então, é
claro, você vai
precisar de um fechamento,
não gosto do
final..."

"como você acha
que poderia ser o
final?"

"que tal..." e
eu sugeria um
verso.

"ora, mas é claro!"
ela dizia, aí dava uma olhada
e refazia o
poema.

* * *

os poemas da dama começaram a
aparecer em algumas
pequenas revistas
e logo

ela foi convidada a fazer
recitais nos
buracos de poesia local
e eu a acompanhava
e
escutava

ela tinha cabelos compridos e
olhos loucos, loucos, e
ela dançava e se exibia lá
com seus poemas,
dramatizando demais,
mas ela tinha um belo
corpo
e ela
se
contorcia
e lia e gesticulava os seus
poemas

e os homens a adoravam,
homens como esses que há
nesses lugares
com seus pequenos rimadores
enfiaados na
mochila
e os seus rostos inexpressivos
brilhando –
os aplausos fizeram a dama
pensar
que as coisas estavam de fato
acontecendo
e isso a manteve

se contorcendo
se exibindo, dançando
e
escrevendo...

a dama
uma noite
depois de fazer amor
me falou,
“um dia serei
melhor que
você!”

“em muitas coisas,”
respondi, “você
já é.”

nós escrevemos juntos
e separados
por alguns anos
e como essas coisas finalmente vão
elas foram.

ela desapareceu em alguma
cidade deserta
e eu retornei à
East Hollywood
onde morei com algumas
damas
que estavam pouco se fodendo
para escrever,
que estavam
pouco se fodendo para
qualquer coisa.

passsei por isso,
parti,
mudei para uma cidade pequena
perto do porto
onde comecei a ter notícias da
poetisa
novamente
por telefone e carta.
em geral, eu era evasivo, tendo
aprendido já há algum tempo que
caminhar para trás
não combina com caminhar
para frente.

“você foi a minha *musa*,”
ela disse, várias
vezes, “não consigo mais
escrever...”

aí, você entende, eu servi a
um propósito:
e isso é
algo muito bom, você não
acha?

muito melhor, eu acho, do que
ser conhecido por ser gentil
sob pressão
ou por ter um pau grande
pulsante
acenando
eternamente pronto
para entrar naquelas coxas

ávidas
onde nenhum homem, animal ou
deus
consegue ficar para sempre
ou mesmo
deseja isso?

OS POEMAS DE AMOR DE CATULO

ela lia os seus poemas
ela lia para os homens que esperavam na sua cama
aí os rasgava
rindo
e caía na cama
abrindo as pernas pro pau mais próximo
e oportuno.

mas Catulo continuava a escrever poemas
de amor para ela
enquanto ela dava para escravos nos
becos, e
quando eles estavam juntos
ela o roubava quando ele ficava
bêbado,
zombava de sua poesia e de seu
amor,
mijava no seu
piso.

Catulo que
aliás
escreveu poemas
brilhantes
vacilou sob o encanto
dessa meretriz
a qual
dizem
ao envelhecer

escapou dele
criou uma vida nova numa ilha remota
onde ela acabou
suicida.

Catulo era como
a maioria dos poetas:
eu compreendo
e perdoo enquanto
o releio:
ele percebeu
à medida que a morte chegava
que é
melhor começar com uma
puta do que acabar
com uma.

EVIDÊNCIA

putas e grandes poetas deveriam
evitar uns aos outros:
suas profissões são perigosamente
parecidas:
do Império Romano à nossa
Era Atômica
há um número quase
igual de putas e
poetas
com as autoridades continuamente
tentando banir
as primeiras
e ignorar os últimos
- o que te diz
o quão perigosa
a poesia
realmente
é.

O SEGREDO DE MINHA PERMANÊNCIA

ainda recebo cartas pelo correio, a maioria de caras
enlouquecendo em quartos minúsculos com emprego na
[indústria ou sem emprego
que moram com putas ou sem mulher alguma, sem esperança,
[apenas
com bebida e loucura.

A maioria das cartas são em folhas de caderno
escritas com lápis sem ponta
ou à caneta
numa caligrafia minúscula inclinada para a
esquerda
e o papel quase sempre está rasgado
geralmente na metade
e eles dizem que gostam de minhas coisas,
escrevo do lugar onde isso acontece, e
eles reconhecem isso. sinceramente, dou a eles uma segunda
chance, em reconhecimento ao lugar onde eles estão.

é verdade, eu estive lá, num estado pior do que a maioria
deles.

mas me pergunto se eles percebem onde suas cartas
chegam?

bem, elas são postas numa caixa
atrás de uma cerca viva de dois metros com uma longa entrada
dando para uma garagem de dois carros, jardim de rosas,
[árvores frutíferas,

bichos, uma bela mulher, com a metade da hipoteca
paga após um ano, um carro novo,
lareira e um tapete verde com cinco centímetros de espessura

com um garoto agora para escrever minhas coisas,
mantenho ele numa jaula de três metros quadrados com uma
máquina de escrever, alimento ele com uísque e putas cruéis,
dou uma boa surra nele três ou quatro vezes
por semana.

Hoje estou com 59 anos e os críticos dizem
que minhas coisas estão cada vez melhores.

NEM SHAKESPEARE NEM MICKEY SPILLANE

volte alguns anos, veja você está de volta
ao início mais uma vez,
vivendo com uma barrinha de chocolate por dia no quarto
mais barato da cidade –
tentando ser um escritor, não um grande escritor mas
alguém que receba cheques pelo que escreve
e viva desses cheques
e que não precisa de um automóvel ou de uma
namorada e não sinta necessidade de ir ao trabalho todo dia,
apenas ser um escritor, jorrando, dia após
dia, dia e noite, palavras quentes no papel,
a 2½ centavos por palavra, 5 centavos por palavra, qualquer coisa
já bastaria,
escrevendo contos para as revistas pulp, contos para
as revistas de sacanagem (grandes aventuras de
um incrível comedor) e ao mesmo tempo enviando seu
material sério para a *Poetry*, a *Magazine of
Verse*.

a barrinha de chocolate era o pão e o seu sangue
era o vinho e as garotas de pernas compridas, de cabelos
compridos eram perseguidas então você podia despejar a
Palavra para as revistas pulp, para as revistinhas de sacanagem,
[para a

Atlantic Monthly e a *Harper's* e
a *Esquire* e a *The New Yorker*, aqueles idiotas
insensíveis que continuavam devolvendo tudo enquanto
[imprimiam só
merda inteligente e meticulosa.

jovem jovem jovem, só desejando a Palavra,
enlouquecendo nas ruas e nos bares,
lutas brutais, copos quebrados, mulheres loucas gritando em
seu quarto barato,

você um hóspede conhecido na cela dos bêbados, na avenida
Norte 21, Lincoln Heights.

vasculhando a loucura em busca da Palavra, do verso,
do caminho,
na esperança de um cheque de um lugar qualquer,
sonhando com uma carta de um grande editor:
"Chinaski, você não sabe há quanto tempo nós estamos
esperando por você!"

sem chance alguma.

finalmente baixou o número de palavras após anos de 5
contos e 20 poemas por semana, baixou para menos
palavras e mais vinho e mais mulheres loucas e
mais copos quebrados e gritaria, proprietários vingativos
e, é claro, por último a polícia.

você jovem, mais alto, mais forte nas montanhas de sua
mente, fedendo bebida, gritando
"VÃO SE FODER! EU SOU UM GÊNIO!"

as algemas fechadas nas costas, sempre apertadas demais, o
aço cortando os pulsos, a
dor lancinante e brutal.
"cala a boca, companheiro, ou te faço calar."

volte alguns anos e lá está você,

36 anos atrás,
e nunca haveria uma época
mais incrível e interessante,
naquele tempo você tinha uma fé que agora
faz falta.
mas o mais difícil, a sua mulher naquela época, bêbada
e sentimental, com cabelo no rosto, chorando...

“deixem ela ir camaradas, ela não fez nada,
vocês não precisam dela,
ela estava só de carona nessa.”

“puta que o pariu, cala a boca!” vem do policial,
empurrando você pela porta, rápido
escada abaixo
onde precisou de todo seu esforço pra não cair
de cara no chão, que era o que ele
queria, com as mãos algemadas pra trás, você não
conseguiria amparar a queda...

ai você desatava a cantar:
“Meu coração é um vagabundo...”

e você ouvia o policial furioso praguejando na
escuridão
enquanto te levavam.

o que você queria era só 2 ou 5 centavos por
palavra.
filho da puta, você penou tanto para ser um escritor
de qualquer tipo.

por que eles não entendiam?

A HISTÓRIA DE UM FILHO DA PUTA DURÃO

uma noite ele apareceu na porta molhado magro espancado e aterrorizado

um gato branco vesgo e sem rabo

pus ele pra dentro e o alimentei e ele ficou

cresceu até pegar confiança em mim até que um amigo

[entrando na garagem

passou com o carro por cima dele

levei o que sobrou para o veterinário que disse, “sem muita

esperança... dê essas pílulas para ele... sua coluna

está esmagada, mas já foi esmagada antes e de alguma maneira

emendou, se ele viver nunca mais andar, veja

essas radiografias, ele foi baleado, olhe aqui, as balas

ainda estão lá... e mais, ele já teve um rabo um dia, alguém

o cortou fora...”

levei o gato de volta, era um verão bem quente, um dos mais

quentes das últimas décadas, pus ele no piso do

banheiro, dei água e pílulas para ele, ele não comia, ele

não tocava na água, mergulhei meu dedo nela

e molhei sua boca e falei com ele, eu não saí

dali, investi um bom tempo no banheiro e conversava com

ele e tocava nele com cuidado ao que ele me olhava

com aqueles olhos azul-claros vesgos e conforme os dias

passavam ele fez seu primeiro movimento

se arrastou com as patas dianteiras

(as traseiras não funcionavam)

ele conseguiu chegar à caixa de areia

se arrastou pra dentro,

foi como se o clarim de uma possível vitória

soprasse naquele banheiro e pela cidade afora, eu me identifiquei com aquele gato – eu me dei mal, não tão mal assim mas mal o bastante...

uma manhã ele se levantou, ficou de pé, caiu pra trás e apenas olhou pra mim.

“você consegue,” eu disse pra ele.

ele continuou tentando, se levantando e caindo, finalmente deu alguns passos, ele parecia um bêbado, as patas traseiras não queriam funcionar mesmo e ele caiu de [novo, descansou, aí se levantou.

o resto você sabe: hoje ele está melhor do que nunca, vesgo, quase sem dente, mas o encanto está de volta, e aquele olhar nunca abandonou seus olhos...

e hoje às vezes sou entrevistado, eles querem saber sobre a vida e a literatura e eu fico bêbado e levanto meu gato vesgo, baleado, atropelado, de rabo arrancado e falo, “olha, olha isso!”

mas eles não entendem, eles dizem algo do tipo, “você disse que foi influenciado por Céline?”

“não,” eu levanto o gato, “pelo que acontece, por coisas como essa, por isso, por isso!”

eu chacoalho o gato, levanto ele sob a luz esfumaçada e bêbada, ele está tranquilo ele sabe...

é aí que as entrevistas acabam
embora eu fique com orgulho às vezes quando vejo as fotos
depois e lá estou eu e lá está o gato e nós somos
fotografados juntos.

ele também sabe que isso é besteira mas ajuda de alguma maneira.

O POEMA

todos eles continuam publicando poemas
mas é de se duvidar do que um
poema pode realmente realizar.

séculos de poemas
e nós estamos de volta ao
ponto de partida.

como a filosofia, história,
medicina, ciência, os poemas parecem
modificar as coisas,
parecem conduzir para uma
saída
aí vacilam diante das
correntes inconstantes e crescentes
disputas.

um poema não é melhor do que um
bom abridor de latas,
um estepe,
ou
aspirina para uma
dor de cabeça.

o poema não é grande coisa
mas deixa eu te dizer
se não tivesse descoberto
ele
eu estaria morto

ou
você estaria morto
ou muita gente
estaria
morta
ou
se não morta
então terrivelmente
mutilada
num sentido ou
outro.

ainda assim, um poema pode ser
somente um poema.

versos como esses

flutuando numa página

queimando buracos no rosto da
morte

arrancando a tampa do tubo
da
noite

seguindo esse verão do cão
até o fim da
linha.

äh?

MALDITO RIMBAUD

foi em Santa Fé.
esperávamos sentados por ela.
ela tinha ido para alguma mostra de arte ou alguma outra
coisa idiota e inútil.

ela era uma boa artista
melhor do que vários homens
e esse era o
problema.

“que merda aconteceu com a Helen?”

“cadê a Helen?”

o marido da Helen, ex-marido, estava agora sentado no alto de um
morro em algum lugar com uma nova puta de olhos azuis.
e que
puta: ela até escrevia
poesia. seu nome era Vicki. Vicki era agora a “Sra.”
ela trocou um marido rico por um mais
rico ainda.

“Helen me pediu pra não odiar a Vicki,” disse minha anfitriã,
“mas porra, não consigo nem gostar da Vicki.”

“porra,” disse meu anfitrião, “você não pode
tentar?”

“você gosta da Vicki?” minha anfitriã perguntou.

Vicki pareceu bonita pra mim. não consegui ver nada de errado com ela.

“cadê a Helen?” perguntei de novo. “cadê porra cadê a Helen?”

“ela vai chegar, ela vai chegar, ela disse que estava vindo.”

Helen apareceu 3 horas depois.
ela parecia uma cobra num vestido verde, toda graciosa,
bárbara bárbara, esplendorosa,
seu colar de prata pulsava
em seu pescoço
bem debaixo de meu nariz.
ela era devorada por 3 coisas simples:
bebida, desespero, solidão; e mais 2:
juventude e beleza.

era demais:
não consegui resistir ao seu
poder. beijei ela. beijei ela
de novo. eu parecia um colegial,
toda a minha valentia
se foi.

“vamos sair dessa merda!”
falei pra ela, ignorando nosso anfitrião e anfitriã.

fomos pra sua casa ao lado
e na cozinha fiquei sentado bebendo e
olhando
pra ela.

“o seu corpo, o seu corpo, Jesus!” falei pra ela. ela era bonita de verdade e alegre, exatamente como você lê num romance só que na real isso nunca acontece com ninguém.

ela girou seu corpo e enquanto cantarolava fez uma dança adorável cheia de insinuação.

“baby, eu te amo,” eu disse, “baby, eu te amo!”

passamos por um corredor escuro com um crucifixo pendurado e com alguns de seus quadros. entramos em outra sala grande. continuei no meu drinque.

“fique aqui,” ela disse.

sentei num sofá e bebi. ficou frio e vazio de repente e me perguntei pra onde ela foi.

aí olhei ao redor e ela estava deitada em outro sofá nua e sorrindo o que foi perturbador pois eu era acostumado a despir minhas mulheres

e a visão dela completamente nua me fez lembrar mais de meus dias no matadouro do que

de Mozart,
mas, é claro, quem quer comer
o Mozart?

acabei meu drinque e me despi e tentei
mas acho que eu não estava à altura
foi minha culpa
minha culpa
e ela me
afastou.

fiz mais algumas tímidas
tentativas e então ela se levantou e saiu.

eu também me vesti e então
não me lembro de nada mais a não ser
ficar muito bêbado.

mas aí quando ela me empurrou pra fora na chuva
eu voltei à vida.

a chuva estava molhada a chuva estava fria a chuva estava
congelando.

“merda,” eu disse, “merda!” voltei correndo pra sua
porta ou para a porta que eu pensei que era sua
mas parecia haver dúzias de portas,
uma série de apartamentos todos
proibidos.

bati numa porta na esperança que fosse a sua:
“baby, baby, não quero te comer! percebi que sou
um péssimo amante! só quero sair dessa
merda de chuva!”

ela não respondeu. desisti. voltei correndo pro apartamento do meu primeiro anfitrião. bati em sua porta. não funcionou. a chuva estava um gelo. vi uma garagem aberta mas estava cheia de água e lama; sem lugar pra deitar.

“me deixa entrar!” eu gritei. “Jesus! piedade! o que foi que eu fiz? o que foi que eu não consegui fazer? DEVERÁS PROTEGERTEU IRMÃO!”

meu anfitrião apareceu na porta:
“você é um cachorro miserável!”

“eu sei, mas me deixa entrar, por favor.”

ele abriu a porta e eu o segui pelo corredor.

“rapaz ah rapaz,” ele disse, “você é um filho da puta, você é um cachorro covarde, você não vale porra nenhuma!”

“sei disso,” eu disse.

“você contou pra ela que sou um ex-presidiário?”

“não, porra, não estava nem pensando em você.”

“então que porra você quer de mim?”

“nada. você pagou a passagem de trem.”

“você ofendeu a gente. não ligo pra mim mas você não pode ofender a minha esposa. você disse pra Helen, ‘vamos sair dessa merda, essas pessoas aí não são nada!’”

“foda-se aquilo. sobrou algum uísque?”

“na geladeira.”

“valeu.”

ele resmungou e foi pra cama ficar junto de sua esposa.

levei a garrafa pra minha cama
e bebi bebi bebi e
ouvi a
chuva. achei que a noite tinha
acabado mas aí ele começou
de novo:

“achei que você era um grande escritor
achei que você era um grande homem
é por isso que eu paguei a sua passagem até aqui
é por isso que eu publiquei a sua poesia
é por isso que eu quis que todas essas pessoas conhecessem
você!”

“tudo bem,” eu disse, dando um bom gole no uísque,
“vou embora de manhã. por que não vamos todos
dormir?”

“você é mesmo um filho da puta!”

nunca achei que você fosse tão filho da puta!
por que você anda sempre com os olhos meio fechados?
por que você não consegue olhar um homem nos olhos?
por que você sempre desvia o olhar?"

"num sei, num sei."

"você é um covarde, só isso: COVARDE!"

sabia que isso era verdade
e dei uma golada no uísque e
falei:

"cê quer ir lá fora brigar?"

"porra! você tem dez anos a mais do que eu!"

"eu te dou o primeiro
soco!"

"você promete que vai embora de manhã?"

"claro."

Helen soube da minha partida
através deles eu acho
e ela chegou cedinho na manhã seguinte pra perguntar se
ela poderia me levar para o hotel pra pegar o ônibus para
a estação de trem.

ela ainda estava bonita
até mais do que antes

vestindo calças justas e de mocassim e
quando ninguém estava olhando
me aproximei e belisquei o seu
pé. ela ignorou isso mas não me mandou
pro inferno
então me senti todo acalorado
por dentro.

“ok, eu levo ele,” ela disse para os meus
anfitriões.

“obrigado,” eles disseram.

entrei pra dar uma
cagada.

“é horrível ver ele partir,” ouvi
meus anfitriões dizerem.

“também acho,” ela
disse.

soltei aquele
barro.

“passo às 2 pra levar ele,”
ela disse.

“tchau.”

“tchau.”

quando voltei havia 2 índios sentados
lá com meus anfitriões.

o Chefe disse, “na confiança dei 8 pratas praquele nego por 2 sacos de dois quilos de feijão. faz 2 semanas e ele ainda não voltou. ele trabalhava pra uma empresa [de cimento. me dá sua lista telefônica, vou achar aquele desgraçado!”

eles me apresentaram pra esposa dele. bejei ela no rosto. ela riu. ela tinha uns 60 anos de idade e tinha pernas feias.

“estou com problemas,” disse o Chefe, e aí ele arrancou o cobertor da minha cama e se enrolou todo nele.

“sou um grande Chefe,” ele disse, “eu só preciso de uma boa bundinha e aí pegar aquele nego.”

“não olha pra mim,” falei pra ele, “não sou nem um nem outro.”

o Chefe olhou pra mim. “acho que preciso de um banho,” ele disse.

ele saiu e entrou em uma das 3 banheiras em um dos 3 banheiros. aí a esposa concluiu que também precisava de um banho. e aí alguém mais concluiu que eles deviam dar uma cagada. todos eles desapareceram. bebi meu drinque e voltei a dormir.

* * *

“é tão triste te ver partir,” uma voz falou, me acordando.

os índios tinham partido.

"tudo bem," eu
disei.

não tinha nenhum
argumento.

entrei no carro com a Helen e a visão
de sua meia-calça até o joelho passou a martelar meu cérebro.
lamentei muito que eu nunca fosse possuir nada bom,
nada como ela,
que nada bom jamais me pertencesse
não porque eu estivesse sempre pobre de dinheiro
mas porque eu era pobre ao me expressar cara a cara.
talvez eu amarelasse como o sol
mas também era tão ardente e sincero quanto o sol
em algum lugar lá dentro de mim
mas isso ninguém jamais descobriria.

com certeza eu acabaria eternamente me lamentando sobre uma
xícara de café em algum parque onde os velhos jogam
xadrez ou algum tipo de jogo idiota.
merda! merda!

e então Helen trocou a marcha e nós rodamos pelas
preciosas colinas e não havia nada que eu pudesse dizer pra ela
sobre sua beleza ou o quão valentão eu era
ou que só sentar e ficar olhando pra ela durante um mês
jamais tocá-la novamente
seria o meu único desejo
mas como qualquer canalha eu estava provavelmente mentindo
[pra mim mesmo
provavelmente eu queria tudo tudo

mas agora aos 45
depois de viver com uma dúzia de mulheres e não ter amado
[nenhuma

agora eu estava louco, acabado, conforme ela
me levava pelas colinas tudo gritava dentro de
mim, e enquanto seguíamos eu continuava falando
(pra mim mesmo, é claro)

vai passar, babaca,
tudo passa,

é tudo uma piada
rindo da sua cara,

esqueça, pense em cães mortos coisas mortas pense em
si mesmo: rejeitado, falido, comum, um poeta supostamente

[escrevendo
coisas profundas, mas você realmente não consegue escrever

[sobre nada a não ser
sobre SI MESMO. não é verdade? não é verdade? você é um escroto,
um idiota egoísta só querendo uma saída fácil? você quer
dinheiro, estádios lotados de aplausos, reconhecimento e um livro
de poemas que ainda seja admirado no ano 2179.

você é um
vigiarista de merda, um covarde gritante: você não vai conseguir e
pode já se acostumar
a isso.

nós chegamos no hotel
e o pobre e idiota do poeta falou,
"posso te dar adeus?" era
como num filme ruim, só que não era um filme:
eu conseguia entender *Crime e castigo* do Dos
eu conseguia entender a lua estirada no balcão pedindo um drinque
num bar podre, mas não conseguia entender nada sobre
mim mesmo,

eu fui assassinado, eu era merda, eu era um bando de cães,
eu era papoulas massacradas por tiros de metralhadora
eu era uma incrível vespa presa numa teia
eu era cada vez menos e menos e ainda em busca de
alguma coisa, e lembrei do seu comentário banal
de ontem à noite:

“você tem um olhar magoado.”

banal, é claro, mas qualquer coisa que venha de uma mulher
de verdade não é banal
e pensei em suas decentes pinturas de pessoas e coisas
em busca carentes carentes
e como um japa traumatizado cercado por heroicas
tropas americanas
eu dei nela um beijo de
despedida.

“desculpa por não conseguir te dar prazer,”

ela disse. “não estava pronta, eu acho.”

“não, foi minha culpa,”

falei pra ela.

entrei no hotel daquela
cidade pequena (de onde eles te levavam de ônibus
até a estação) e me perdi, merda, eu me perdi,
não conseguia achar a bilheteria, subindo e
descendo degraus
abrindo e fechando portas
lágrimas de novo enfim
de novo como num filme ruim, e
finalmente achei o agente de viagem
e passei pelo processo
de comprar uma passagem.

sai e sentei na recepção e
levantei os olhos de meu bilhete
e lá estava ela.
“o que você está fazendo aqui?” perguntei.

“eu te vi todo encurvado e triste e frio.
fiquei pensando em você.”

o ônibus que levava para a estação estava atrasado, tudo estava
atrasado, então ela me levou pra passear pela cidade nesse meio
[tempo e tive que passar
por tudo aquilo de novo com ela.

e eu sabia que até as palavras certas jamais dariam
o bote. eu era sujo, um safado, eu tinha cara de safado,
eu era sujo, sujo e safado. só queria estar dentro dela,
ficar lá, eu não era nada além de um bucateiro e
estava falido. não conseguia soletrar, não sabia nem como usar
2 ou 3 garfos num jantar, não sabia nada sobre Harvard ou
diplomas ou ganhar 50 mil por ano, e ela sabia que tudo isso
era verdade: eu fui maltratado por muito tempo, não
sabia mais o caminho pra subir ou sair ou sequer queria saber:
[eu estava destinado
ao fracasso.

eu disse adeus novamente
esvaindo tudo o que restou dela no
pouco que restava de
mim. eu disse, “não me procure mais. que se foda.
estamos todos perdidos. adeus, adeus.”

ela era incrível. ela foi embora. vi aquela última imagem
dela dobrar a esquina e desaparecer e
então voltei para a recepção do hotel.

eles eram amigos, uns 5 ou 6 idiotas ainda sentados lá e esperando.

2 eram médicos. um outro era o proprietário de algo grande e importante. todos eles tinham esposas. estava começando a nevar.

nós todos entramos no ônibus que levava à estação. eu já estava amortecido, amortecido de novo, amortecido de novo mais e mais uma vez, dor e dormência se alargando em mim - exatamente como nos bons e velhos tempos.

o mexicano pegou a estrada e quase arrebentou as marchas.

as pessoas tranquilas fizeram piadas tranquilas sobre o tempo e outros assuntos mas fiquei sentado em silêncio dizendo quando muito uma palavra se necessário quando muito uma palavra tentando esconder deles o fato de eu ser um idiota e me sentindo péssimo e as pequenas colinas começaram a ser cobertas de neve aos poucos as coisas se tornaram brancas aos poucos as coisas se tornaram mais brancas e finalmente eu soube que tudo isso iria passar e graças à boa dádiva do bom Deus, meus anos e o meu tempo estavam

acabando; viajamos sem parar,
passando por pequenas vilas e tanto coisas boas quanto
coisas ruins estavam acontecendo com as
pessoas daquelas vilas também,
mas eu ainda não era nada
além de braços e orelhas e olhos e talvez haja
uma boa sorte para mim ou
mais morte amanhã.

6 GARÇAS PARADAS NUMA LAGOA

ESTILO

estilo é a resposta para tudo –
um novo jeito de encarar algo estúpido ou
perigoso.
é preferível fazer algo estúpido com estilo
do que fazer algo perigoso
sem estilo.

Joana d'Arc tinha estilo
João Batista
Cristo
Sócrates
César,
García Lorca.

estilo é o que faz a diferença,
um jeito de realizar,
um jeito de estar realizado.

6 garças paradas numa lagoa
ou você saindo nua do banheiro
sem me
ver.

ÀS VEZES QUANDO VOCÊ FICA TRISTE HÁ UMA RAZÃO

é preciso apenas 6 ou 8 líderes políticos inaptos
ou 8 ou 10 escritores, compositores e pintores pedantes para
fazer o curso natural do desenvolvimento humano
retroceder

50 anos

ou mais.

o que pode não parecer muito pra você
mas é mais que a metade do seu tempo de vida
durante o qual você não será capaz de

ouvir, ver, ler ou sentir aquela
dádiva imprescindível da grande arte que
caso contrário você poderia ter experimentado.

o que pode não parecer trágico pra você
mas às vezes, talvez, quando você não se sente muito
bem de

noite ou de manhã ou ao

meio-dia,

talvez o que você sinta que está faltando seja

o que *deveria* estar lá pra te

amparar

mas não está.

e não digo uma loira de

meia-calça transparente,

eu estou falando do que corrói as suas entranhas

mesmo quando ela está

lá.

ONDE ESTAVA A JANE?

um dos primeiros atores que interpretou Tarzan morava no Lar do Cinema.

ele ficou lá anos esperando a morte.

ele passava a maior parte de seu tempo entrando e saindo correndo das alas

na cantina e no quintal onde ele gritava,

“MIM TARZAN!”

ele nunca falava com ninguém ou dizia outra coisa, sempre era só “MIM TARZAN!”

todos gostavam dele: os velhos atores, os diretores aposentados, os roteiristas anciões, os câmeras idosos, os aderecistas,

os dublês, as velhas

atrizes, todos aqueles que também estavam lá

esperando a morte; eles adoravam o seu entusiasmo,

os seus trejeitos, ele era inofensivo e os levava de volta ao tempo

em que eles

ainda estavam no negócio.

então as autoridades médicas concluíram que Tarzan era

[possivelmente

perigoso

e um dia ele foi despachado para um hospital psiquiátrico.

ele definhou tão rapidamente como se tivesse sido comido por um leão.

e os outros pacientes ficaram indignados, eles estabeleceram

[procedimentos

legais

para tê-lo de volta imediatamente mas

isso levou alguns meses.

quando Tarzan voltou ele estava mudado,
ele não saía de seu quarto.
ele apenas se sentava à janela como se tivesse
esquecido
o seu velho papel
e os outros pacientes sentiram falta
de seus trejeitos, seu entusiasmo, e
eles também se sentiram de alguma forma derrotados e
diminuídos.
eles se queixavam da mudança no Tarzan
drogado e dopado em seu quarto
e eles sabiam que assim ele morreria logo
e então ele morreu
e então ele voltou para aquela outra selva
(onde todos nós iremos nos aposentar um dia)
soltando aquele alegre grito primordial que eles não podiam mais
ouvir.

houve algumas pequenas notas nos
jornais
e a tinta continuou a descascar nas paredes
do hospital,
muitas plantas morreram, houve um infeliz
suicídio,
uma crescente perda de confiança e
de esperança, e
uma tristeza disseminada:
não era tanto a morte de Tarzan que os outros lamentavam,
era a atitude fria e proposital dos
médicos jovens e poderosos
apesar dos pedidos dos
idosos desamparados.

e finalmente eles souberam a verdade
enquanto ficavam sentados em seus quartos
que não era apenas a atitude dos médicos
o que eles deveriam temer,
e que tão tolo quanto foram todos aqueles filmes de Tarzan,
e tanto quanto eles sentissem falta do seu próprio Tarzan
perdido,
que tudo aquilo era mais tranquilo do que a última vigília
onde eles agora teriam que sentar e pacientemente aguentar
sozinhos.

CACA & OUTROS SACRIFÍCIOS

maravilha, com certeza, garota, você quer mais suco de maçã? como é que você consegue beber aquela coisa repugnante? odeio aquilo. o quê? não, eu não sou o Dr. Vogel. sou o papai. o seu velho. onde está a mamãe? ela foi se associar a uma comunidade de artistas. ah, é um lugar para onde vão aquelas pessoas que não são artistas. sim, é assim que funciona em quase todo lugar. às vezes você entra num hospital e ele pode ter 40 andares e não há um médico lá, e é difícil de achar uma enfermeira também. o que é um hospital? um hospital é apenas um monte de botões desligados, pessoas morrendo e recepcionistas altamente sofisticadas e à vontade. mas o mundo inteiro é assim: ninguém sabe o que deveria saber –
poetas não conseguem escrever poesia
mecânicos não conseguem consertar seu carro
lutadores não conseguem lutar
amantes não conseguem amar
pregadores não conseguem pregar. é assim até mesmo com os exércitos: exércitos inteiros comandados sem generais, nações inteiras lideradas sem líderes, por que a coisa toda é como tentar copular com um pau desajeitado... oh, me desculpe!
quantos anos você tem? três? três. ah. três dedos, que legal!
você aprende rápido, meu amorzinho. o quê? mais suco de maçã? ok
você quer brincar de trenzinho? quer me levar pra passear?
ok, Tucson, vamos pra Tucson, cacete!
porra, não SEI se já chegamos lá, você é que está

dirigindo!
o quê? estamos no caminho de VOLTA já?
você quer um doce? merda, você já está comendo doce há horas!
escuta, não SEI quando a sua mãe volta, ah?

bem,
depois de se inscrever na comunidade dos artistas ela vai
de poesia. o que é um recital de poesia? um recital de [a um recital
as pessoas se juntam e leem suas poesias umas para as outras, [poesia é onde
aquelas que não conseguem escrever poesia. [principalmente

o que é poesia? ninguém sabe. ela muda. ela age por conta própria
como uma lesma rastejando pela lateral de uma casa. ah,

[é uma coisa
mole e grande que fica toda pegajosa e grudenta quando você
pisa

nela. eu sou uma lesma?

acho que sim garota, o quê?

você quer fazer caca?

ok, vai em frente. você consegue abaixar suas calças sozinha? não
vejo

você muito frequentemente. ah, você quer que acenda a luz?

[você quer que eu
fique

ou saia? fique? tudo bem, então.

agora caca, baixinha, isso aí...

caca...

áí você pode crescer para se tornar uma grande mulher e
fazer o que grandes mulheres
fazem.

caca.

isso aí, querida,

não é engraçado?
mamãe caca também.
ah sim

nossa!
está tudo bem!
agora limpa sua bunda.
não, melhor que
isso! ali, já está
melhor.
você disse que *eu sou* caca!
ei essa é
boa! gostei dessa!
bem engraçado.

agora vamos pegar mais uma cerveja e
suco de maçã.

A ÍNDOLE DA MULTIDÃO

Há tanta traição, ódio,
violência,

Absurdo no ser humano
comum

capaz de suprir qualquer exército em qualquer
ocasião.

E Os Que Melhor Assassnam São Os
Que Pregam Contra Isso.

E Os Que Melhor Odeiam São Os
Que Pregam O AMOR

E OS MELHORES NA GUERRA
- NO FINAL - SÃO OS QUE
PREGAM

A PAZ

Os Que Pregam DEUS
PRECISAM De Deus

Os Que Pregam A PAZ
Não Têm Paz.

OS QUE PREGAM O AMOR
NÃO TÊM AMOR

CUIDADO COM OS PREGADORES
Cuidado Com Os Entendidos.

Cuidado
Com Os Que
Estão SEMPRE
LENDO
LIVROS

Cuidado Com Os Que Ou Detestam
A Pobreza Ou Que Dela Se Orgulham

CUIDADO Com Os Ávidos Por Elogiar
Pois Eles Precisam Do ELOGIO De Volta
CUIDADO Com Os Ávidos Por Censurar:
Eles Têm Medo Do Que
Não Conhecem

Cuidado Com Os Que Sempre Procuram
Multidões; Eles Não São Nada
Sozinhos

Cuidado
Com O Homem Comum
Com A Mulher Comum
CUIDADO Com Seu Amor

Seu Amor É Mediocre, Procura
A Média
Mas Há Índole Em Seu Ódio
Há Índole O Bastante Em Seu
Ódio Para Matar Você, Para Matar
Qualquer Um.

Não Desejando A Solidão
Não Compreendendo A Solidão
Eles Irão Se Esforçar Para Destruir
Qualquer Coisa
Que Se Diferencie
Da Sua Própria

Não Sendo Capazes
De Criar Arte

Eles Não Irão
Reconhecer Arte

Eles Irão Considerar Seu Fracasso
Como Criadores
Apenas Como Um Fracasso
Do Mundo

Não Sendo Capazes De Amar Plenamente
Eles Irão CONSIDERAR Teu Amor
Incompleto
E ENTÃO ELES IRÃO ODIAR
VOÇÊ

E Seu Ódio Será Perfeito
Como Um Diamante Brilhando
Como Uma Faca
Como Uma Montanha
COMO UM TIGRE
COMO Cicuta

Sua Mais Afinada
ARTE

UM TRUQUE PARA ATENUAR NOSSO SANGRAMENTO

praticamente falando
as grandes palavras dos grandes homens
não são tão grandes.

nem grandes nações nem grandes belezas
deixam nada a não ser o resto
da reputação para ser lentamente
corroído.

nem as grandes guerras parecem tão grandes,
nem grandes poemas
nem lendas de primeira mão.

mesmo as mortes tristes
hoje não são tão tristes,
e o fracasso não foi nada mais que um
truque
para nos fazer continuar,

e a fama e o amor
um truque para atenuar nosso sangramento.

e assim como o fogo se torna cinza e o aço
se torna ferrugem, nos tornamos
sábios
e então
nem tão sábios.

e sentados em cadeiras
nós lemos mapas antigos,
guerras acabadas, amores acabados, vidas acabadas,
e uma criança brinca diante de nós como um macaco

e nós sacudimos o cachimbo e bocejamos,
fechamos os olhos e dormimos.

palavras bonitas
assim como mulheres bonitas,
ficam enrugadas e morrem.

ESTÁ FEITO

sensatamente decorado com sua cruz de ferro
o fokker vermelho navega em meu cérebro

e

enquanto meu pai abre uma porta do inferno
e grita meu nome

lá de baixo

sei que é hora de

aceitar o que é verdade:

enquanto não puder haver
reconciliação

entre nós

se queixar sobre velhas feridas é

um estúpido desperdício do coração.

sensatamente decorado com sua cruz de ferro

o fokker vermelho foge

e desaparece sobre o Brasil

e fecho meus olhos

enquanto

a luz falha no olho do

falcão,

e a raiva inútil dos vivos

pelos mortos

é perdida

para

sempre.

EU TE CONHEÇO

você de cabelos compridos, de pernas cruzadas no alto,
do bar, você como uma faca de açougueiro na minha garganta
conforme o rouxinol canta em outro lugar enquanto o riso
se confunde com o assobio da barata.
eu te conheço como
o pianista do restaurante que toca mal,
a sua boca, uma pequena fossa, e os seus olhos, pequenos
higiênico molhados. [rolos de papel
você vinha na garupa da minha bicicleta enquanto eu ofegava
garoto, sei que você estava lá, até naquele vento fresco eu sentia
seu
bafo. [indo pra Venice quando
eu te conheci no leito do amor conforme você sussurrava
suas [mentiras da paixão enquanto
unhas se cravavam em mim.
eu te vi adorada por multidões na Espanha enquanto
espadas [garotos de trança com
tingiam o sol em sua glória.
eu te vi completar o círculo do amigo, inimigo, celebridade e
estranho enquanto a raposa corria direto pro sol com o coração na
boca.
aqueles loucos com quem eu lutava nos becos atrás dos bares eram
você.
você, sim, é que ouviu as últimas palavras de Platão.

umas manhãs atrás, achei minha velha gata no quintal,
com a língua pra fora, seca e torta como se nunca fosse parte
as pálpebras ainda macias, eu levantei ela, a luz do dia
[sua, o olhar confuso,
dedos e o seu pelo, a minha existência ignorante rugia diante das
[brilhava sobre meus
cercas vivas e das flores.
eu te conheço, você fica esperando enquanto as fontes
[jorram e a balança
avalia o peso,
sua filha da puta cansativa, pode entrar, a porta está
aberta.

FIM

o carro fúnebre atravessa o quarto cheio
de decapitados, desaparecidos, de loucos
vivos.

as moscas são uma pasta de cola pegajosa
suas asas não irão se
levantar.

vejo uma senhora bater em seu gato
com uma vassoura.

o tempo está insuportável
um truque sujo de
Deus.

a água da privada
evaporou
o telefone toca sem
som

o bracinho flácido amolece diante da
campainha.

vejo um garoto de
bicicleta

os raios se partem
os pneus se transformam em
cobras e se
dissolvem.

o jornal está saindo do forno
homens se matam nas ruas
sem motivo.

os piores têm os melhores empregos
os melhores têm os piores empregos ou estão
desempregados ou presos em

hospícios.
só tenho mais 4 latas de comida.
tropas com ar-condicionado vão de casa em
casa
de quarto em quarto
prendendo, atirando, enfiando a baioneta
nas pessoas.
nós fizemos isso a nós mesmos, nós
merecemos isso
somos como rosas que nunca se importaram
em florescer quando devíamos ter florescido e
é como se
o sol tivesse enjoado de
esperar
é como se o sol fosse uma consciência que tivesse
desistido de nós.
saio no quintal
e vejo um mar de plantas mortas
agora galhos e espinhos tremem
sob um céu sem vento.
por alguma razão estou feliz que acabou
chegamos ao fim –
as obras de Arte
as guerras
os amores arruinados
o jeito que vivemos cada dia.
quando as tropas chegarem aqui
não ligo para o que fizerem pois
nós já matamos a nós mesmos
a cada dia que levantamos da cama.
volto pra cozinha
de uma lata mole despejo uma
mistura, já está praticamente

cozida
e sento pra
comer, olhando minhas
unhas.
o suor escorre por trás de minhas
orelhas e escuto os
tiros nas ruas e
mastigo e espero
sem curiosidade alguma.

NÓS, DINOSSAUROS

nascemos assim
nisso
enquanto os rostos de giz sorriem
enquanto a Sra. Morte ri
enquanto os elevadores quebram
enquanto paisagens políticas se dissolvem
enquanto o empacotador do supermercado segura
[um diploma de faculdade
enquanto o peixe oleoso cospe sua presa oleosa
enquanto o sol se disfarça

nós
nascemos assim
nisso
nessas guerras cuidadosamente insensatas
na visão do vazio das janelas quebradas da fábrica
em bares onde as pessoas não falam mais umas com as outras
em lutas corporais que acabam em tiroteios e facadas

nascemos nisso
em hospitais tão caros que é mais barato morrer
entre advogados que cobram tanto que é mais barato
[se declarar culpado
num país onde as cadeias estão lotadas e os hospícios fechados
num lugar onde as massas promovem idiotas a heróis ricos

nascemos nisso
caminhando e sobrevivendo a isso
morrendo por causa disso

mudos por causa disso
castrados
depravados
deserdados
por causa disso
enganados por isso
usados por isso
desprezados por isso
ficando loucos e doentes por isso
ficando violentos
ficando desumanos
por isso

o coração fica preto
os dedos alcançam a garganta
a arma
a faca
a bomba
os dedos alcançam um deus impassível

os dedos alcançam a garrafa
a pílula
a pólvora

nós nascemos nessa mortalidade lamentável
nós nascemos num governo há 60 anos em débito
que logo não será capaz nem de pagar os juros dessa dívida
e os bancos irão queimar
o dinheiro será inútil
haverá assassinato liberado e sem punição nas ruas
serão armas e multidões itinerantes
a terra será inútil
a comida irá render cada vez menos

a multidão tomará posse do poder atômico
explosões irão sucessivamente abalar a Terra
homens-robôs e radioativos irão caçar uns aos outros
os ricos e os escolhidos irão vigiar das plataformas espaciais
o Inferno de Dante parecerá um playground de criança

o sol não será visto e será sempre noite
as árvores morrerão
toda a vegetação morrerá
homens radioativos comerão a carne de homens radioativos
o mar estará envenenado
os lagos e rios desaparecerão
a chuva será o novo ouro

os corpos em decomposição de homens e animais irão
[feder no vento negro

os últimos e poucos sobreviventes serão surpreendidos
[por novas e terríveis doenças
e as plataformas espaciais serão destruídas pelo desgaste
o esgotamento dos suprimentos
o resultado natural da decadência geral

e haverá o mais belo silêncio jamais ouvido

nascido disso.

o sol ainda escondido lá

aguardando o próximo capítulo.

ALGO PARA OS CAMBISTAS, AS FREIRAS,
AS CAIXAS DE MERCADO E VOCÊ...

nós temos tudo e nós não temos nada
e alguns homens fazem nas igrejas
e alguns homens fazem ao rasgar borboletas
ao meio
e alguns homens fazem em Palm Springs
metendo em loiras-manteiga
com almas de Cadillac
Cadillacs e borboletas
nada e tudo.

o rosto derretendo até o último suspiro
num celeiro em Corpus Christi.

há algo para os cambistas, as freiras,
as caixas de mercado e você...

algo às 8 a.m., algo na biblioteca
algo no rio,
tudo e nada.

no matadouro ele vem correndo ao longo
do teto em um gancho, e você o balança -
um

dois

três

e então você consegue, \$200 de carne
morta, de ossos contra os seus ossos
algo e nada.

é sempre cedo o bastante para morrer e

é sempre tarde demais,

e o sulco de sangue na bacia branca

não te diz absolutamente nada

e os coveiros jogando pôquer até
o café das 5 a.m., esperando que a grama
rejeite a geada...
eles não te dizem absolutamente nada.

nós temos tudo e nós não temos nada –
dias com cantos de vidro e o fedor insuportável
da lama do rio – pior que merda;
dias de tabuleiro de damas com suas jogadas

[e as jogadas adversárias,
na vitória; dias lentos como mulas
corcundas, carregadas e ranzinzas, brilhando ao sol,
subindo uma estrada onde um louco espera sentado entre
canários e corruíras, presos numa rede, sugando um cinza
em escamas.

dias bons também de vinho e gritaria, brigas
em becos, pernas grossas de mulheres se empenhando ao redor
de suas entranhas enterradas em gemidos,
os sinais nas arenas de touros como diamantes chamando pela
Mãe Capri, violetas surgindo do chão
te dizendo para esquecer os exércitos mortos e os amores
que te saquearam.

dias em que crianças dizem coisas brilhantes e engraçadas
como selvagens tentando te enviar uma mensagem através
de seus corpos enquanto seus corpos ainda estão
vivos o bastante para comunicar e sentir e correr de lá
para cá sem cadeados e contracheques e
ideais e propriedades e opiniões
semelhantes a besouros.

dias em que você pode gritar o dia todo em
um quarto verde com a porta trancada, dias
em que você pode rir do padeiro

porque suas pernas são compridas demais, dias
de olhar as cercas vivas...

e nada, e nada. os dias
dos patrões, homens covardes
com mau hálito e pés grandes, homens
que parecem sapos, hienas, homens que caminham
como se a melodia nunca tivesse sido inventada, homens
que acham que é inteligente contratar e demitir e
lucrar, homens que possuem esposas caras
como se fossem 60 acres de terras para serem perfuradas
ou exibidas ou para serem cercadas de muros longe
dos incompetentes, homens que te matariam
porque são loucos e se justificam porque
essa é a lei, homens que ficam diante de
janelas com 10 metros de largura e não veem nada,
homens com iates luxuosos que podem navegar ao redor
do mundo e mesmo assim nunca saem dos bolsos
de seus coletes, homens como as lesmas, homens como
[as enguias, homens
como os caracóis, e não tão bons...

e nada. recebendo seu último contracheque
num porto, numa indústria, num hospital, numa
fábrica de aviões, num fliperama, numa
barbearia, num emprego que você não queria
mesmo.

imposto de renda, doença, servidão, braços
destruídos, cabeças destruídas – todo o enchimento
saindo como num velho travesseiro.

nós temos tudo e nós não temos nada.
alguns fazem bem o bastante por um tempo e

ai desistem. eles são pegos pela fama ou pelo desgosto
ou pela idade ou pela falta de uma dieta apropriada ou pela tinta
nos olhos ou pelas crianças na faculdade
ou por carros novos ou pelas costas quebradas enquanto esquiavam
na Suíça ou por novas políticas ou por novas esposas
ou apenas pela mudança e declínio natural –
o homem que ontem você presenciou dando ganchos
por dez assaltos ou bebendo há três dias e
três noites nas montanhas Sawtooth agora
apenas algo debaixo de um lençol ou uma cruz
ou uma pedra ou debaixo de uma simples desilusão,
ou carregando uma Bíblia ou um saco de golfe ou uma
pasta: como eles partem, como eles partem! – todos
aqueles que você pensava que nunca partiriam.

dias como esse. como o seu dia hoje.
talvez a chuva na janela tentando
te alcançar. o que você vê hoje?
o que é isso? onde você está? os melhores
dias às vezes são os primeiros, às vezes
os do meio e às vezes até mesmo os últimos.
vagas de estacionamento não são ruins, igrejas na
Europa em cartões-postais não são ruins. pessoas em
museus de cera congeladas em sua melhor esterilidade
não são ruins, são horríveis mas não ruins, o
canhão, pense no canhão. e a torrada no
café da manhã o café quente o bastante para
saber que sua língua ainda está lá. três
gerânios do lado de fora da janela, procurando ser
vermelhos e procurando ser cor-de-rosa e procurando ser
gerânios. não é de se admirar que às vezes as mulheres
chorem, não é de se admirar que as mulas não queiram
subir a colina. você está num quarto de hotel

em Detroit procurando um cigarro? mais um dia bom. um pedacinho disso. e assim que as enfermeiras deixam o prédio depois de seu turno, cheias disso, oito enfermeiras com diferentes nomes e diferentes lugares para ir - atravessando o gramado, algumas delas querem chocolate e um jornal, algumas delas querem um banho quente, algumas delas querem um homem, algumas delas dificilmente pensam em alguma coisa. bastante e não o bastante. arcos e peregrinos, laranjas, sarjetas, samambaias, anticorpos, caixas de lenço de papel.

sob o mais decente e ocasional sol
há uma leve impressão de fumaça nas urnas
e o som enlatado de velhos aviões de combate
e se você entrar e passar o dedo
pelo parapeito da janela você encontrará
poeira, talvez até terra.
e se você olhar pela janela
haverá o dia, e enquanto você
envelhece continue a olhar
continue a olhar
sugando sua língua num breve
ah ah não não talvez

alguns fazem naturalmente
alguns obscenamente
em todo lugar.

CONSELHO PARA UM JOVEM
NO ANO 2064 D.C.

permita-me falar como um amigo
ainda que os séculos se ponham
entre nós e nem você nem eu
possa ver a lua.

tenha menos cuidado com a cebola cegando o olho
ou com a cobra picando
ou com a barata dominando a casa
ou com o amante a sua esposa
ou com o governo o seu filho
ou com o vinho a sua vontade
ou com o médico o seu coração
ou com o açougueiro a sua barriga
ou com o gato a sua cadeira
ou com o advogado o seu desconhecimento da lei
ou com a lei vestida de homem fardado e te matando.

rejeite a perfeição como uma dor dos
gananciosos
mas não se renda à modéstia comum da
fácil imperfeição.

e lembre-se
que a barriga da baleia está cheia de
grandes homens.

O HOMEM NO PIANO

o homem no piano
toca uma canção
que ele não compôs
canta palavras
que não são suas
em um piano
que não lhe pertence

enquanto
as pessoas nas mesas
comem, bebem e falam

o homem no piano
finaliza
sem nenhum aplauso

então
começa a tocar
uma nova canção
que ele não compôs
começa a cantar
palavras
que não são suas
em um piano
que não é seu

enquanto
as pessoas nas mesas
continuam a
comer, beber e falar

quando
ele finaliza
sem nenhum aplauso
ele anuncia
no microfone
que fará
uma pausa
de dez minutos

ele se dirige
aos fundos até o sanitário
masculino
entra
numa cabine
tranca a porta
senta
saca um baseado
acende

ele está contente
por não estar
ao piano

e as
pessoas nas mesas
comendo, bebendo e falando
estão contentes
por ele não estar lá
também

assim
é que acontece
em quase todo lugar

com todo mundo e
com tudo
enquanto furiosamente
nas montanhas
o
cisne negro se incendia.

PARAÍSO BASTARDO

hoje dias ruins e noites ruins acontecem
demais,
o velho sonho de ter alguns anos
tranquilos antes de morrer –
aquele sonho desapareceu assim como os outros
sonhos.

uma pena, uma pena, uma pena.
desde o início, ao longo dos
anos e próximo ao
fim:
uma pena, uma pena, uma pena.

houve momentos,
faíscas de esperança
mas eles dissolveram rápido
voltando à velha e mesma
fórmula:
o fedor da realidade.

mesmo quando havia
sorte
e vida dançando na
carne,
sabíamos que a permanência
seria
curta.

uma pena, uma pena, uma pena.

queríamos mais do que
algum dia pudesse haver:
mulheres com amor e
com risadas,
noites selvagens o bastante para o
tigre,
queríamos dias que
passeassem pela
vida
com alguma graça,
um pouquinho de
sentido,
uma utilidade razoável,
e não algo
apenas para
desperdiçar,
mas algo para
lembrar,
algo para
dar um soco
nas entranhas
da morte.

uma pena, uma pena, uma pena.

somando todas
as coisas, é claro,
nossa pequena agonia é
estúpida
e fútil
mas sinto que os nossos
sonhos não
são.

e nós não estamos sós.
os fatores implacáveis não
são uma vingança
pessoal contra um
único
indivíduo.

outros sentem a mesma
queimadura do
desconcerto,
enlouquecem, suicidam-se, ficam
estúpidos, correm feridos para
deuses
imaginários,
ou embriagam-se, drogam-se,
emburrecem
naturalmente,
desaparecem nessa multidão de
nadas
que nós chamamos de famílias,
cidades,
nações.

mas o destino não é o único
culpado.
nós desperdiçamos
nossas oportunidades,
nós estrangulamos
nossos próprios corações.

uma pena, uma pena, uma pena.

hoje nós somos cidadãos do
nada.

o próprio
sol
sabe
a triste verdade de
como nós rendemos
as nossas vidas
e mortes
a um mero
ritual,
um inútil
e covarde
ritual,
e então
se esquivando
da face da
glória,
transformando nossos sonhos em
merda,
como nós dissemos
não, não, não, não,
para o mais belo
SIM
jamais pronunciado:

a própria
vida.

JOGUE OS DADOS

se você for tentar, vá até o fim.
caso contrário, nem comece.

se você for tentar, vá até o fim.
isso pode significar perder namoradas,
esposas, parentes, empregos e talvez sua sanidade.

vá até o fim.
isso pode significar não comer por 3 ou 4 dias.
isso pode significar congelar num banco de parque.
isso pode significar prisão,
isso pode significar descaso, gozação, solidão.
solidão é uma dádiva,
todo o resto é uma prova de sua perseverança, do quanto você realmente quer fazer isso.
e você irá fazer apesar da rejeição e das piores probabilidades e será melhor do que qualquer outra coisa que você possa imaginar.

se você for tentar,
vá até o fim.
não existe nenhuma outra sensação
parecida.
você ficará a sós com os
deuses
e as noites se farão em chamas com o
fogo.

faça, faça, faça.
faça.

até o fim
até o fim.

você conduzirá a vida direto à
risada perfeita, é
a única batalha
pela qual vale a pena lutar.

NOTAS BIOGRÁFICAS

CHARLES BUKOWSKI nasceu em Andernach (Alemanha), em 16 de agosto de 1920. Migrou para os Estados Unidos aos dois anos de idade. Cresceu em Los Angeles, cidade onde morou por cinquenta anos. Embora tenha cursado dois anos de jornalismo e literatura, sua formação de escritor é a de um autodidata. Publicou seu primeiro conto em 1944, quando tinha 24 anos. Conta que abandonou a escrita por dez anos, período em que se dedicou a beber, viver com mulheres nada aprazíveis, e a viajar pela América, coletando material a ser trabalhado em sua literatura. Esse período de autoconhecimento culminou com seu internamento em função de uma hemorragia estomacal, devido aos excessos etílicos, aos 35 anos. Afirma que começou a escrever poesia após esse episódio. Trabalhou nos correios durante quase catorze anos. Aos 49 anos, largou o emprego pra se dedicar à carreira de escritor. Estreou na poesia com *Flower, fist and bestial wail* em 1960, ao que se seguiram mais de trinta livros de poemas, diversas coletâneas de contos e romances, tais como *Cartas na rua*, *Factotum* e *Mulheres*. Faleceu em San Pedro, Califórnia, em 9 de março de 1994, aos 73 anos, após finalizar seu último romance *Pulp*.

FERNANDO KOPROSKI nasceu em Curitiba, em 22 de janeiro de 1973. Publicou os livros de poemas: *Manual de ver nuvens* (1999); *O livro de sonhos* (1999); *Tudo que não sei sobre o amor* (2003), incluindo CD que apresenta leitura de poemas na voz do autor acompanhado pela guitarra flamenca de Luciano Romanelli; *Como tornar-se azul em Curitiba* (2004); *Pétalas, pálpebras e pressas*, livro selecionado para publicação pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (2004); e a trilogia *Um poeta deve morrer* composta pelos livros *Nunca seremos tão felizes como agora* (7Letras, 2009), *Retrato do artista quando primavera* (7Letras, 2014) e *Retrato do amor quando verão, outono e inverno* (7Letras, 2014). Como tradutor, selecionou, organizou e traduziu as Antologias Poéticas de Charles Bukowski *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo amém* (7Letras, 2005), *Amor é tudo que nós dissemos que não era* (7Letras, 2012) e *Maldito deus arrancando esses poemas de minha cabeça* (7Letras, 2015), bem como a antologia poética de Leonard Cohen *Atrás das linhas inimigas de meu amor* (7Letras, 2007). Como letrista, tem composições gravadas por: Beijo AA Força, Alexandre França, Casca de Nós e Carlos Machado.



A coletânea bilingue organizada e traduzida por Fernando Koproski realizou a proeza de pinçar neste inesgotável mar de versos uma parte bastante substancial de sua obra, dividida por temas. A explosiva verve da prosa, que catapultou o velho Buk ao estrelato mundial, está presente em sua poesia. Seus poemas têm personagens e enredos. É justamente dessa originalidade que surge o encanto. Afinal, quem mais além desse velho louco podia falar coisas escatológicas de forma tão bela?

Maurício Duarte, *Rolling Stone*

Joana d'Arc tinha estilo

João Batista

Cristo

Sócrates

César,

García Lorca.

**estilo é o que faz a diferença,
um jeito de realizar,
um jeito de estar realizado.**

**6 garças paradas numa lagoa
ou você saindo nua do banheiro
sem me
ver.**

